

Caminhada

Das montanhas do Rio Grande Do Sul às praias da Bahia

Marli Terezinha Verruck Watt



Marli Terezinha Verruck Watt

Caminhada

Das montanhas do Rio Grande Do Sul às praias da Bahia



Editora Univates

Coordenação e Revisão Final: Ivete Maria Hammes

Editoração: Glauber Röhrig e Marlon Alceu Cristófoli

Revisão Linguística: Veranice Zen e Sandra Lazzari Carboni

Ilustrações: Lygia Sampaio

Imagem da Capa: Amauri Alves

Rua Avelino Tallini, 171 - Bairro Universitário - Lajeado - RS - Brasil

Fone: (51) 3714-7024 ou (51) 3714-7000 ramal 5215

<http://www.univates.br/editora>

W344 Watt, Marli Terezinha Verruck

Caminhada: das montanhas do Rio Grande do Sul
às praias da Bahia / Marli Terezinha Verruck Watt –
Lajeado : Ed. da Univates, 2015.

119 p.

ISBN 978-85-8167-115-4

1. Memórias 2. Poesia I. Título

CDU: 82-94

Catálogo na publicação – Biblioteca da Univates

Esta obra é de exclusiva responsabilidade da autora.

Copyright: Marli Terezinha Verruck Watt

Marli Terezinha Verruck Watt

**Caminhada:
das montanhas do Rio Grande
do Sul às praias da Bahia**

1ª edição

 EDITORA
UNIVATES

Lajeado, 2015

Para Artur Filho, meu marido, meus filhos Henrique e Marcos e Artur Neto, filho do coração.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	9
NOTA DA AUTORA	11
AINDA SOBRE A AUTORA.....	13
TEMPOS DE CRIANÇA.....	15
KERB.....	29
O FUTEBOL.....	33
A ESCOLA.....	39
PERIPÉCIAS.....	45
VICISSITUDES	49
A PARTIDA	57
REFLEXÃO	73
PEREGRINANDO.....	75
AMOR PLATÔNICO	81
SEDE DO MUNICÍPIO	87
O RETORNO.....	91
O RECOMEÇO.....	97
UMA DECISÃO QUE VENCEU O SENTIMENTO	109
POSFÁCIO.....	117
AGRADECIMENTOS	119

“Mesmo quando tudo parece desabar, cabe a mim decidir entre rir e chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar; porque descobri, no caminho incerto da vida, que o mais importante é decidir”.

Cora Coralina

PREFÁCIO

Conheci Marli em 1986, recém-chegada em Salvador, onde firmou residência. Ainda um pouco assustada com o choque cultural, pois veio do interior do Rio Grande do Sul, onde levava uma vida pacata, para trabalhar no Pelourinho, local que na época oferecia pouca segurança.

Desde o início percebi seu interesse em aprender e adquirir conhecimento. O amor pelo seu trabalho era aparente, apaixonada particularmente pela joalheria e pelas gemas.

Do meu lado, a curiosidade em conhecer o mundo de onde ela veio, seus costumes e suas tradições, encantou-me o seu coração puro e desinteressado. Logo começamos a namorar.

Conheci Edith, sua chefe, que breve demonstrou o ciúme esperado da sua gaúcha, o que foi superado.

Rapidamente Marli ganhou a admiração de todos que a conheceram, especialmente de D. Gilda e Sr. Artur, seus sogros, que vislumbraram a nora que pediram a Deus e a adotaram como filha. Depois vieram os filhos, a conclusão do curso de Letras e muitas outras realizações.

Como sempre era questionada a dar explicações de como veio parar em Salvador, foi incentivada por todos a escrever suas memórias, apesar de tão nova. A riqueza de tantas histórias tinha que ser publicada e compartilhada, o que acontece agora.

Toda sua família e amigos agradecem sua convivência agradável e manifestam sua admiração pela persistência de sua caminhada.

Artur Watt Filho
Salvador-BA, março de 2015

NOTA DA AUTORA

As pessoas escrevem sobre ciência, religião, viagens e sobre uma infinidade de assuntos que atraem o interesse, que pode ser pelo seu conteúdo ou pela apresentação da capa da obra. Registro minhas memórias, temática que talvez não seja de grande relevância, afinal, sou uma pessoa como outras na multidão. Contudo, faço o relato de uma trajetória de vida, com ocorrências incomuns até para o período em que se passaram. Apresento momentos que deixaram suas marcas em minha vida, incluindo fatos pitorescos, costumes de uma época e as tradições dos imigrantes no interior do Rio Grande do Sul, local onde nasci e passei a infância.

Constantemente fui incentivada por amigos e por minha ex-chefe Edith Mathias a registrar minha história. Sem planejar, vi-me escrevendo, embora nunca tivesse a pretensão de publicar um livro.

Sempre tive paixão pela poesia e, no exercício da criação de alguns versos, pude fazer uma incursão em um mundo inefável, externando sentimentos, percepções e vivências. Posso dizer que a caneta e o papel serviram de instrumento consolador na falta do ombro amigo, na ausência do colo dos pais ou nos dias de intensa saudade do amor ausente e dos amigos distantes.

Neste livro, você, leitor ou leitora, vai se deparar com fatos ora engraçados ora chocantes, que podem ser encontrados em obras de ficção, mas não são ficção, nem criação de uma mente em delírio. Todos os casos são verídicos e foram relatados da forma mais fiel possível. É a mais pura realidade de um tempo difícil, quando poucos tinham acesso ao ensino

de qualidade e condições de sobreviver dignamente nas montanhas quase inacessíveis do interior. Sem contar que a minha história foi marcada por muitos contratempos, que nunca me intimidaram. Também não me acanho agora, quando faço uma exposição pública da minha vida, cujo propósito é que o exemplo de luta sirva para que as atuais e futuras gerações valorizem mais a vida e as possibilidades que estão ao seu alcance.

Salvador-BA, março de 2015

AINDA SOBRE A AUTORA...

No dia 06 de dezembro de 1985 falei pela primeira vez com minha amiga Marli, ela no Rio Grande do Sul, eu aqui na Bahia, com uma expectativa: queria uma gerente de negócios, e obtive. Ao conhecê-la pessoalmente, fiquei inicialmente impressionada com sua beleza, inocência e ingenuidade quase extinta no mundo atual.

Logo veio a maior surpresa. Não tinha mais dúvidas, estava diante de uma pessoa que tinha muita história, uma extraordinária história de vida. Jamais conheci alguém tão focado em realizar seu sonho, “sonho de voar”, e, o mais incrível, esse voo não tinha limites. Muitas vezes falei: “Marli, tu tens que escrever a tua história”.

Hoje relembro com emoção nossos banhos de mar no Porto da Barra, eu grávida e Marli em seu novo mundo em Salvador. Adorava ouvir suas experiências. Gosto muito dos poemas que ela escreve. Mas é pouco, ela não poderia deixar de escrever para os filhos e para nós sobre sua infância, sua adolescência, sua família e sua luta. Pode crer, ao ler esta publicação, você vai se emocionar, e, acima de tudo, vai ver como a vontade humana é capaz de construir uma trajetória de vida.

Um grande abraço,

Edith Mathias

ASSIM EU VEJO A VIDA

*A vida tem duas faces:
Positiva e negativa
O passado foi duro
mas deixou o seu legado
Saber viver é a grande sabedoria
Que eu possa dignificar
Minha condição de mulher,
Aceitar suas limitações
E me fazer pedra de segurança
dos valores que vão desmoronando.
Nasci em tempos rudes
Aceitei contradições
lutas e perdas
como lições de vida
e delas me sirvo
Aprendi a viver.*

Cora Coralina

TEMPOS DE CRIANÇA

Já passei dos cinquenta e agora me vejo olhando para tudo que ficou esquecido no tempo. Um tempo que não volta mais.

Já passei do caminho de ida, pois agora já vivi mais da metade da minha vida. É um tempo de regresso, em busca das raízes que se perderam em um passado muito distante.

Quando criança sonhava com o tempo que vivo agora. Meu maior sonho, ao andar pelas estradas de terra nas noites enluaradas, acompanhada pela criançada da minha idade, também de velhos e gente de meia-idade, era conquistar o mundo e alcançar altos voos.

Naquele tempo sonhar era mais bonito, pois as noites eram mágicas, em que a lua iluminava as montanhas fechadas de mata virgem, onde a meninada andava pelas estradas estreitas e poeirentas, cantando serenata pela vizinhança.



DEVANEIO

*Na noite estrelada
a menina encantada
pela estrada
o céu punha-se a fitar.
A lua!
A testemunha.
Observava o desejo
da pequena que sonhava.
O canto das cigarras.
O coaxar das rãs.
Aclamação em sinfonia.
E o vento levava seus sonhos
para longe dali.
Solícito!
Oferecia suas asas
para levar junto com os sonhos
a menina sonhadora.*



O inverno gelado, com o minuano frio soprando, tinha mais encanto, pois fazia a família se reunir ao redor do fogão a lenha. O chimarrão, a pipoca, o pinhão cozido e o milho verde assado eram ingredientes que nunca faltavam. A presença da figura da avó paterna, uma criatura divertida, alegre e que só falava alemão, também fazia parte do cenário.

Os vizinhos não eram virtuais nem imaginavam que um dia a comunicação pudesse ser feita por meio de um fio de telefone, muito menos por meio de um aparelho móvel. O chamado era no grito mesmo, pois as colônias¹ ficavam muito próximas umas das outras.

O amanhecer tinha o canto do galo, luz de lamparina acompanhando o movimento de papai na cozinha a acender o fogo no fogão a lenha. Do quarto, separado por paredes de madeira, dava para ouvir o som da chaleira, com a água chiando para preparar o chimarrão matinal. O som do rádio, operado por uma bateria carregada por um cata-vento instalado por meu pai no alto de um potreiro², com a voz de Joelmir Beting³ narrando as primeiras notícias do dia, é inesquecível. Devia ter uns seis ou sete anos de idade e aquela voz ficou bem marcada na minha

1 O termo **colônia** é típico do Rio Grande do Sul. Designa uma propriedade rural originalmente habitada por uma família de imigrantes.

É um tipo de propriedade existente em regiões de colonização em que grandes áreas foram ou são divididas em pequenas propriedades. Nessas regiões cada propriedade possui geralmente uma área suficiente para as atividades agrícolas e/ou pecuárias de uma família. Fonte: Wikipédia

2 **Potreiro** na região Sul pequeno campo fechado, com pasto e aguada. Destinado a recolher animais, que ficam a mão para serviços. Fonte: dicionário online de português

3 Joelmir Beting, locutor gaúcho de expressão nacional, falecido em 29 de novembro de 2012.

lembrança. Lembro-me bem da notícia de que o homem pisara na Lua pela primeira vez. Era julho de 1969, o inverno nas montanhas era rigoroso, as noites muito frias e o isolamento do lugar tornavam aquela notícia ainda mais inacreditável.

Era um tempo em que as crianças tinham infância plena, interagiam entre si, não havia internet. A rede social era brincar de esconde-esconde, passa cavaleiro, passa botão, cantiga de roda, jogo de gude e esquiar nos gramados nas canoas dos coqueiros. Era um tempo em que passear de madrugada em noites de lua clara, para visitar os avós, ida e volta, demorava duas horas a pé. Para atravessar um rio sem pinguela⁴, usava-se o cipó e voava-se feito Tarzan.

Acompanhar os tios e primos mais velhos em um dia de caça de aves, de lebres e preás nas matas da redondeza era uma divertida aventura. Entre tiros de espingarda e o corre-corre dos animais em busca de refúgio, havia um clima de grande suspense. Nunca se sabia se o animal cairia morto aos seus pés ou se viria dos ares. Era comum um preá tombar e ser consumido imediatamente. Fazíamos uma fogueira e assávamos a presa, que era devorada tão agilmente quanto suas próprias passadas. Por outro lado, caçar rãs nos lagos que se formavam nas épocas de intensas chuvas requeria dos caçadores muita habilidade com as armas utilizadas, pois, além de exigir pontaria perfeita, era necessária agilidade no nado para não perder a caça entre as águas turvas formadas pelos aguaceiros. Nessa modalidade, geralmente as crianças observavam à distância o desenrolar do resultado obtido. No meu coração pulsava uma mistura de sentimentos. Ora a alegria de ver se juntando mais

4 **Pinguela** passagem precária sobre um pequeno rio, que pode ser feita de qualquer material que permita a passagem de pessoas sobre ela. Fonte: Dicionário Informal.

uma rã ao cesto à margem do lago, ora a tristeza de deixar de ouvir o coaxar de mais um animalzinho que acabara de perecer. Essa mistura de sentimentos se esvaía no momento do preparo da iguaria para ser degustada na hora do almoço. Todos se envolviam na preparação do prato, caçadores e observadores, cada qual dando sua contribuição.

Uma das distrações preferidas das crianças nos dias chuvosos e frios era brincar nos galpões de dois andares. O andar superior era utilizado para armazenar o silo que serviria de alimento para o gado no inverno, o espaço inferior servia de estrebaria, de chiqueiro e de garagem para a carroça. A brincadeira das crianças começava já na escalada para alcançar o andar superior. Disputava-se encontrar o maior número de ninhos de galinha possível. Era comum encontrar chocadeiras com ovos, quando não as galinhas já com seus pintinhos sob as asas.

Enquanto os filhos pequenos se envolviam com as suas brincadeiras no amontoado de palhas secas, os pais e filhos maiores se dedicavam ao trabalho pesado. Antes de ordenhar as vacas, a tarefa era limpar a estrebaria e o chiqueiro dos porcos direcionando todo excremento animal em direção à estrumeira. Havia dias determinados para que os pequeninos tivessem que executar algum trabalho e um deles era remover a palha das espigas de milho, debulhá-las e armazenar os grãos em sacos de linhagem. Já os “sabugos” eram utilizados para acelerar o fogo no fogão a lenha e comumente alojados em cestos de vime colocados à disposição para uso na “capunga” ou “patente”, jargão usado para o local destinado às necessidades biológicas/fisiológicas das pessoas que não têm sanitário em casa. Quanto à existência do papel higiênico não tínhamos conhecimento, era tudo no improvisado.

Imagem 1 – Häusche - “Kapunga”



Fonte: Acervo da autora.

O milho ficava amontoado em um paiol ao lado da estrebaria e com frequência éramos surpreendidos por ratazanas que faziam no local seu habitat. Havia risco de pegar leptospirose, mas não nos preocupávamos com nada, pois considerávamos aquilo mais uma diversão do que executar uma função. Subir nas vigas de madeira e pular para escorregar nos montes de espigas brancas era uma intensa recreação.

As famílias não iam ao mercado, isto nem existia ali. Tudo era na base da permuta. Trocava-se carne por ovos, cachaça por fumo de corda, porco por galinha, linguiça por erva-mate, banha por torresmo etc. Até mão de obra em época de colheita servia de moeda de troca. Os donos de vinícolas familiares, que mantinham a tradição de pisotear uvas em lagares (tonéis de madeira) como parte do processo de fabricação do vinho, buscavam jovens na vizinhança dispostos a fazer esse trabalho e utilizavam como moeda para pagamento a própria uva e o vinho por eles produzido. Igualmente trocava-se mão de obra na colheita do trigo, do arroz, do fumo e outros cultivos da agricultura familiar. A laranja, que era comercializada para a fábrica de bebidas da Fruki, por exemplo, demandava colheita rápida, pois estragava fácil e precisava fazer volume para uma carga de caminhão. O trigo e o milho cultivados na nossa propriedade eram transportados no lombo de um burro ou cavalo para moagem em um moinho movido à água, tarefa que requeria um condutor e que executei com muita frequência. Obtinha-se farinha de ótima qualidade. Já o arroz era manufaturado artesanalmente em casa, socado em um pilão de madeira. O resultado era um produto integral, aparentemente sem muita qualidade, uma vez que ficava quebradiço e com muito resíduo escuro em torno do grão. Já os mantimentos que

não eram produzidos na agricultura de subsistência, como o açúcar e o sal, ingredientes indispensáveis na culinária de qualquer família, eram adquiridos com o leiteiro, que toda manhã bem cedo passava para recolher o leite.

TRIGAL

*A meninada ceifa o trigo.
Os cabelos dourados
da criançada
se misturam às espigas.
Os lombos franzinos
carregam os feixes
do trigo maduro,
pronto para trilhar.
A filharada,
já cansada,
repousa no amontoado de palhas.
Na sombra do plátano
a mãe embala o filho
que recém nasceu.
Intrigada, observa o mundo
que não pensava ser o seu.*



No inverno, especialmente, tomar banho era um drama diário para a maioria das famílias, pois nas residências não havia banheiro nem chuveiro elétrico. Era comum usar uma lata de querosene com furos ou qualquer outra possível para tal uso. No nosso caso usávamos esse recurso, pois a água não era encanada e era necessário buscá-la em uma fonte na propriedade de um vizinho a duzentos metros de casa. Já as cachoeiras eram os lugares escolhidos para o banho nas estações quentes.

Em dias de tempestades, que ocorriam com muita frequência, lançávamos mão de todo e qualquer artifício ou crença que nos protegesse ou confortasse diante do que pudesse ocorrer. Para nos proteger das chuvas de granizo e do destelhamento da casa, que era coberta com *Schindel*⁵ firmemente pregadas para não serem arrancadas pelos vendavais, nos juntávamos embaixo de uma grande mesa de madeira retangular bem resistente coberta com um plástico. Caso o vento levasse o telhado, estaríamos protegidos da chuva e do granizo. Os mais corajosos ficavam em frente ao fogão a lenha queimando palmas (as mesmas utilizadas em Domingos de Ramos) e rezando para que nenhum raio atingisse a nossa casa. Como éramos católicos, rezávamos, e a reza aumentava de volume à medida que a tempestade intensificava os raios e as trovoadas. Muitas vezes a chaminé voava e apagava o fogo, frustrando nossas rezas. Jamais tivemos uma resposta positiva com esse proceder. Toda aquela encenação fazia parte da tradição.

5 *Schindel*, telha de madeira típica das casas dos colonos de origem alemã, era colocada com pregos e martelo, e tinha a vantagem de não sair voando na tempestade.

DESENLACE

*Já passou.
O vento soprou.
Varreu a sujeira,
para bem distante levou.
Tirou o medo.
Excluiu o engano.
Limpou o erro.
Só a beleza ficou.*



As grifes da época eram as roupas de tecido Volta ao Mundo, o vestido de chita, as alpargatas e as botas de borracha coloridas da marca Sete Léguas. Chique era usar uma calça boca de sino, ir para o fandango e rodar o salão a noite inteira até o dia clarear. O casal jovem levava seus filhos pequenos e improvisava um quarto em um anexo do salão. Lá todos dormiam amontoados, meninos e meninas, bebês e crianças maiores, eram tantos que às vezes os pais tinham dificuldade de encontrar suas crias em meio à tanta confusão. Na volta para casa, com o sol já raiando e o cansaço tomando conta da família inteira, era preciso ter muita disposição, pois o caminho de volta era de longa caminhada morro acima por uma trilha em meio à mata fechada.

As mulheres grávidas contavam com a figura da parteira, minha avó materna, Josefina Ledur, que ficava sempre com a bagagem pronta para o próximo chamado. Personagem conhecida na região, era a única pessoa disposta a andar por horas no meio da mata, com os pés descalços, pois se negava a usar qualquer calçado que lhe fosse oferecido. Era uma guerreira, que lutou para trazer ao mundo um número incontável de vidas. Havia dias que os nascimentos somavam mais de um, pois nessa época não existiam partos de cesariana, todos eram de forma natural. Quando era chegada a hora, nasciam sem avisar. Muitas vezes, as mães já estavam com seus bebês nos braços quando ela chegava, esperando para que o cordão umbilical fosse cortado e as demais providências com a parturiente fossem concluídas.

Vendo o ofício da minha avó parteira, sempre tive curiosidade em saber mais sobre o nascimento dos bebês. Certa ocasião, tive acesso a um livro, cuja capa me chamou a atenção. Mostrava um

bebê na barriga de uma mulher. Fiquei perturbada e muito intrigada com aquela imagem. O livro era bem volumoso, mas isso não me intimidou. Comecei a folhear avidamente aquelas páginas lindamente ilustradas e lia cada milímetro de informação nelas contidas. Pela primeira vez obtive informação mais concreta de como os bebês vinham ao mundo. Fato inconcebível na atualidade, em uma era em que a internet conecta pessoas de todos os países, em que as notícias chegam até nós por meio das redes sociais e da mídia à medida que acontecem, e a informação se torna disponível para as crianças na mais tenra idade.

Imagem 2 – Reunião de família em Nova Paris, Canudos do Vale-RS (1970)



Identificados:

1- Romaldo Ledur

2- Soelir L. da Silva

3- Ermindo J. Verruck

4- Olávio Bergmann

5- Astor Bergmann

6- José Pelegrini

7- Noeli Ledur

8- Nelci L. da Silva

9- Delmi H. Verruck

10- Josephina Verruck

11- Ilse Verruck

12- Ivo Ledur

13- Eliria M. L.
Verruck

14- Reinaldo Ledur

15- Josefina Ledur

16- Oli C. Verruck

Fonte: Acervo da autora.

KERB

A festa mais aguardada do ano era o *Kerb*⁶, uma festa exclusiva das comunidades alemãs, típicas no Brasil. Os primeiros imigrantes alemães, que chegaram ao Rio Grande do Sul em 1824 e se espalharam pelo interior, criaram o *Kerb* com os motivos originais de integrar suas comunidades em torno da religião e celebrar uma boa colheita. Mas há outras explicações para o nome, que não existe na Língua Alemã atual.

A festa seguia com cultos religiosos, danças e muita comida típica. Cada localidade realizava a festa à sua maneira. Contudo, alguns ingredientes eram comuns a todas as festas: a missa, nas comunidades católicas, ou o culto, nas evangélicas; os bailes, que podiam durar três ou até cinco dias seguidos; muita comida típica, como assado de porco, cuca (uma espécie de bolo com recheio de uva, chocolate ou

6 *Kerb* a origem do nome é controversa. Além de não existir uma festa similar na Alemanha, o *kerb* nem é uma palavra na língua dos imigrantes. O prefeito de Arabutã (SC), David Moretto, comenta que, para muitas comunidades, “o motivo original da festa é a celebração da colheita”. Por isso, um dos significados para *kerb* é “colheita”. *Kerbfest* seria a festa da colheita. Mas há outras explicações para o nome, que não existe na Língua Alemã. Para Henry Kirst, de Piratuba, o nome deriva de *Kircheeinweihfest*, ou seja, festa de inauguração da igreja. Elton Schmidt, de Maravilha, concorda com essa etimologia, mas acrescenta que a palavra vem de *korb* ou *köorbe*, cesto em alemão, cujo plural seria *kerb*. “Esses termos não têm respaldo etimológico, mas sua conotação surgiu no Brasil por analogia e através do dialeto *hunsrückish*”, explica. O significado do *kerb*, na verdade, vai além do que a palavra quer dizer. Unidos por meio do *kerb*, os descendentes de alemães no Sul do Brasil vão à igreja, tomam chope, comem comidas típicas e, assim, mantêm viva uma tradição que, mais do que se lembrar da terra de seus antepassados, indica a adoção de um novo país. Fonte: Pegadas.

baunilha) e chucrute (preparado à base de repolho, vinagre e sal); e o chope, servido em doses generosas. Os fogos de artifício e os conjuntos musicais eram presenças imprescindíveis.

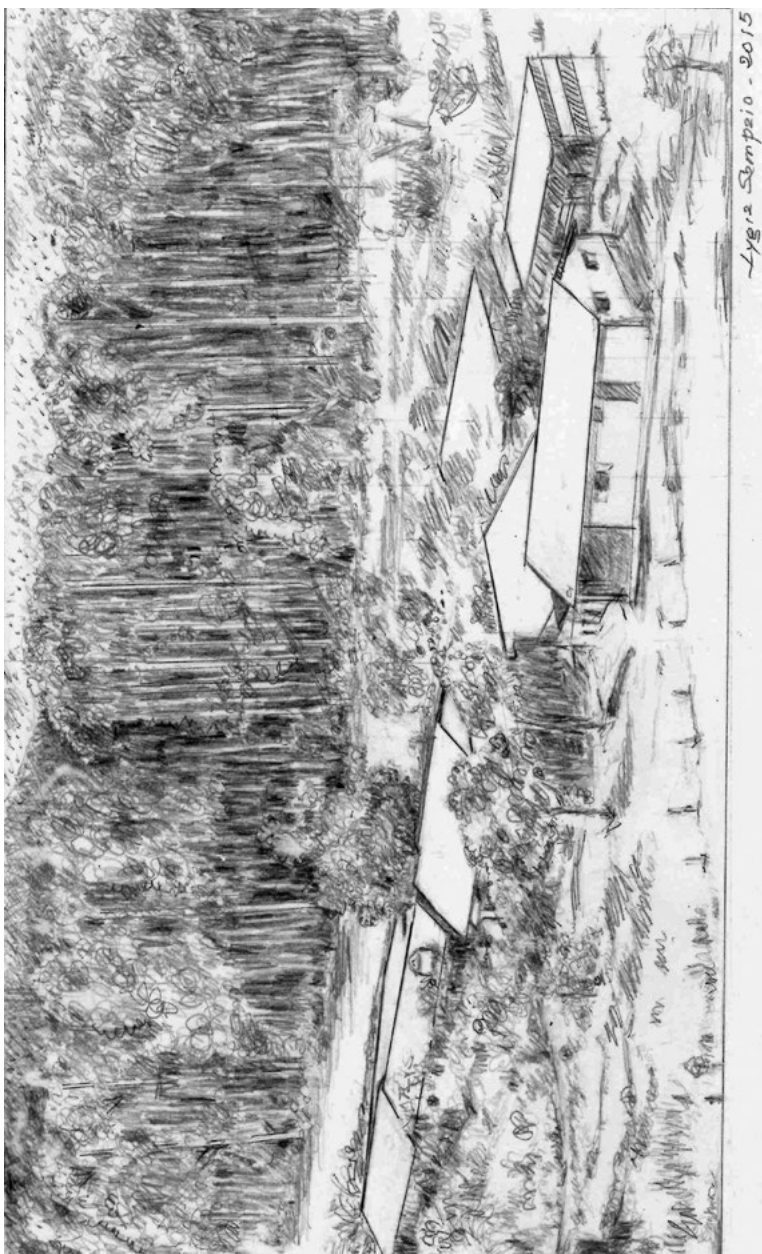
Na nossa família realizava-se o *Kerb* duas vezes ao ano, em maio na comunidade de Pinheirinho e em outubro na de Canudos do Vale. A festa mais divertida ocorria na casa dos meus avós maternos Reinaldo e Josefina Ledur, realizada em outubro, e que tinha duração de três dias, começando aos domingos. A família se preparava com semanas de antecedência, asseando a casa, produzindo bolos e doces confeitados. Na data estabelecida muitos compareciam com trajes festivos, chapéus de feltro enfeitados com penas coloridas. Os rapazes pregavam fitas coloridas com alfinetes nas lapelas das roupas. Segundo a tradição, o rapaz deveria receber uma fita por noite de *Kerb*, sendo um ponto positivo para ele se chegasse à terça-feira à noite com as três fitas na lapela.

A família de meus avós paternos também era convidada, uma vez que meus dois avós eram primos em primeiro grau. Enfim, primos, tios, parentes mais distantes que vinham de longe, vizinhos, a comunidade inteira se reunia para passarem momentos de alegria juntos. Tudo era regado com muita comida e bebida: café, chás, tortas e doces fabricados pelos parentes. Todos permaneciam no local à noite, cada qual fazia o seu arranjo para dormir. Alguns dormiam em barracas ou ao relento em colchões feitos de palha de milho; outros, em geral os que voltavam do “Baile de *Kerb*” aguardavam vaga em um quarto quando o dia já estava amanhecendo.

Tudo era motivo para festejar. A alegria tomava conta de todos, a cada refeição servida (cinco ao dia) ou por meio das cantorias sertanejas da dupla Darci

e Antônio (um tio e um primo que cantavam ao som do violão e da sanfona) e, ainda, pelas noitadas de baile que só os adultos podiam frequentar. Era um tempo de muita alegria, fartura e, especialmente, de felicidade. Um tempo que ainda hoje é resgatado por muitas famílias que mantêm o hábito de convidar parentes e amigos para passar o domingo comendo e bebendo, ao som de música alemã tradicional.

Imagem 3 – Residência dos avós maternos Reinaldo e Josephina Ledur em Morro Gaúcho, Canudos do Vale-RS



Crédito: Lygia Sampaio, 2015.

O FUTEBOL

Ir para o futebol aos domingos tinha um significado mais do que especial, principalmente para os pequeninos, em particular quando a partida ocorria fora da comunidade. A vizinhança se reunia, subia na carroceria de um caminhão e, enquanto houvesse espaço para mais uma criatura disposta àquela aventura, juntava-se ao grupo. A disputa pelo lugar mais a frente, onde o vento pudesse bater mais forte e o cabelo ficar mais ao vento, era acirrado. Sem contar que todos queriam expor sua voz com as melodias da moda. Muitas letras e músicas ficaram nitidamente registradas na minha mente, em especial as da cantora Nalva Aguiar, que todos cantavam em alto e bom tom, repetidas vezes, sem nunca se cansar.

Registro estas duas em especial.

TAÍ O QUE VOCÊ FEZ

Nalva Aguiar

*Taí o que você fez
Taí isso não se faz
Taí dei o meu amor
E você agora não
Me quer mais*

*Este negócio da gente gostar
De uma criatura que não sabe amar
É morrer pela vida a fora
Pedindo amor a quem não tem pra dar
Nã, nã, nã, nã, nã, nã, nã, nã, nã, nã, nã, nã, nã*

*Tá o que você fez
Tá isso não se faz
Tá dei o meu amor
E você agora não
Me quer mais*

*Tá o que você fez
Tá isso não se faz
Tá dei o meu amor
E você agora não
Me quer mais*

BEIJINHO DOCE

Nalva Aguiar

*Que beijinho doce
Que ele tem
Depois que beijei ele
Nunca mais amei ninguém...*

*Que beijinho doce
Foi ele quem trouxe
De longe pra mim
Um abraço apertado,
Um suspiro dobrado
Que amor sem fim*

*Coração quem manda
Quando a gente ama
Se estou junto dele
Sem dar um beijinho
Coração reclama*

*Que beijinho doce
Foi ele quem trouxe
De longe pra mim
Um abraço apertado,
Um suspiro dobrado
Que amor sem fim*

Por outro lado, quando o jogo de futebol era disputado na comunidade, no campo do Cruzeiro em Nova Paris (localidade pertencente ao antigo distrito de Canudos do Vale, que se emancipou), a comunidade local organizava uma agenda com grande diversidade de atividades. Para o mesmo dia programava-se a missa dominical logo cedo, celebrada pelo único padre, que rezava a missa em toda redondeza, o Frei Lucas. Seu domicílio era na sede em Vila Sério (atual município de Sério). Para deslocar-se de um lugar para outro, utilizava seu carro Rural Willys⁷, um meio de transporte que suportava as caóticas condições das estradas e que em dias de chuva carecia de um acessório adicional nas rodas, pois mesmo com as correntes que reforçavam a agilidade do veículo na lama, às vezes, o veículo ficava atolado no barro vermelho e escorregadio, e tinha que ser puxado com juntas de bois.

Após a missa, cobriam-se os santos do altar com panos pretos, as cadeiras eram recolhidas e a igreja se transformava em um salão de dança para a quermesse da tarde. Em um canto abria-se um bar que servia comidas típicas e bebidas à vontade, principalmente cachaça e o delicioso guaraná da Fruki. Na hora do almoço os pais de família preparavam um churrasco coletivo, que era assado numa vala comprida. A carne era espetada em espetos de madeira verde, cortados nas capoeiras da comunidade. Muitos levavam de casa os

⁷ **Rural Willys** é um utilitário que foi produzido pela Willys Overland Willys nas décadas de 1950, 1960 e 1970, no Brasil. Na década de 1970, passou a ser produzido pela Ford do Brasil, que comprou a fábrica da Willys em 1967, mantendo inalterado o nome Rural e praticamente todas as características do veículo. Fonte: Wikipédia.

acompanhamentos para o almoço, a fim de diminuir os custos, a exemplo do chucrute e da cuca.

O meio de transporte utilizado para transportar nossa família era a carroça. Era um verdadeiro processo organizar a caravana na véspera para não ocorrer atraso na hora de sair. Mesmo assim mamãe e uma das minhas irmãs sempre retardavam a nossa partida em pelo menos uma hora, criando um clima desagradável. Conseguir acomodar a família e todos os apetrechos que seriam utilizados no dia do evento exigia uma boa dose de organização. Uma parte da carroceria era utilizada para distribuir cadeiras e na outra parte acomodavam-se mantimentos, bebidas, cobertores, fogos de artifício, guarda-chuvas (sempre levava o meu e usava para me proteger dos fogos, uma vez que tinha verdadeira fobia a eles) e o violino do meu pai, que ocupava um lugar de honra. O instrumento era utilizado para tocar em um quarteto do qual ele fazia parte e tinha valor maior do que qualquer membro da família. Nunca algum filho pôde colocar a mão no violino. Mas quão grande era o meu desejo de aprender a tocar! Apesar de ser criança, eu era sensível e observadora. E essa era uma questão que me intrigava bastante: como um homem rude do campo, com mãos tão calejadas e muitas vezes de comportamento insensível, era capaz de tocar um instrumento tão delicado?

Imagem 4 – Conjunto Musical (1950)



1- Ermindo João Verruck – Violino (meu pai)

2- Francisco Bergmann – Sanfona

3- Olávio Bergmann – Violão

4- Valdomiro Verruck – Bandoneon

Fonte: Acervo da autora.

A ESCOLA

Frequentar a escola sem saber falar português nos anos 1960 também era um grande desafio. As colônias alemãs só falavam dialeto *Hunsrückische*⁸ e essa foi a minha língua-mãe. Nada incomum nisso, uma vez que na Europa ocorre o mesmo fenômeno do uso do dialeto da região em casa. Como os imigrantes vieram para cá, quando ainda não havia a unificação da língua alemã, a forma correta deste idioma, chamada *Hochdeutsch*⁹ (alto alemão), é desconhecida.

Todos na nossa família faziam confusão com as letras tanto na escrita como na fala. Trocavam o artigo “a” pelo “o”, pois muitas palavras mudam de gênero de uma língua para a outra. O mesmo ocorria com o “p” e “b” e o “t” e “d”, obstáculos que fui vencendo com a prática da leitura. Até hoje a língua falada na casa dos meus pais é o dialeto e a

8 **Hunsrückisch** é um dialeto alemão falado na região do *Hunsrück* no sudoeste da Alemanha e nos Estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná e Espírito Santo, no Brasil. Fonte: Wikipédia.

9 **Hochdeutsch** (também denominado *Schriftdeutsch*) é a denominação atribuída à variante oficial (*Standard*) do alemão, utilizada nas escolas, empresas, nas mídias impressa e televisiva e entre falantes de diferentes dialetos do alemão. Ele difere em níveis variados dos demais dialetos da Língua Alemã no vocabulário, na sintaxe e na pronúncia.

Dado o desenvolvimento do *Hochdeutsch* não se encontrar relacionado a nenhuma área geográfica ou política específica, não é possível identificar na região da Língua Alemã uma área onde o dialeto local seja idêntico à variante oficial. No entanto, a variante coloquial utilizada na região de Hanôver assemelha-se bastante ao *Hochdeutsch*.

O *Hochdeutsch* não deve ser confundido com alto alemão. um dos grupos nos quais se dividem os dialetos alemães juntamente com baixo-alemão. Fonte: Wikipédia.

dificuldade em falar português permanece, criando situações cômicas relacionadas com essa questão de troca de letras. Lembro-me do dia em que meu atual marido foi visitar minha família pela primeira vez na colônia onde nasci, antes de casarmos. A curiosidade é que foi ele que ensinou a minha mãe palavras desconhecidas no dialeto, como; televisão, geladeira etc, que eram faladas em português no meio do dialeto alemão, pois essas modernidades não existiam quando os imigrantes vieram para a região.

Nesse dia estávamos sentados no quintal tomando chimarrão e mamãe ofereceu ao Artur um “tocinho” e ele prontamente respondeu: “Obrigado, dona Eliria, eu não como gordura.” Logo todos caíram na gargalhada, pois mamãe na realidade queria oferecer um “docinho”...

No livro “Um brasileiro em Berlim”, de João Ubaldo Ribeiro, ele descreve o seguinte diálogo que teve com um amigo, em Berlim:

— Dieter, deixe de conversa, claro que você é alemão, nasceu na Alemanha, tem cara de alemão, sua língua é o alemão...

— Minha língua não é o alemão. Eu falo alemão, mas na verdade, minha língua-mãe é o dialeto lá de minha terra, que parece com alemão, mas não é. Mesmo depois de anos morando aqui, eu me sinto mais à vontade falando meu dialeto, é muito mais espontâneo. E, lá em casa, se eu não falar a língua de nossa terra, minha avó não entende nada.

— Espere aí, você está me confundindo cada vez mais. Você disse que sua terra é alemã por excelência e agora diz que lá não se fala a língua da Alemanha. Eu não estou entendendo.

— Muito simples. Isto que você chama de língua da Alemanha é o *Hochdeutsch*⁹, que não existe, é uma invenção, uma abstração. Ninguém fala *Hochdeutsch*, a não ser na televisão e nos cursos do *Goethe Institut*, é tudo mentira. O verdadeiro alemão não fala *Hochdeutsch* em casa, a família toda ia pensar que ele estava maluco. Nem

o Governo fala *Hochdeutsch*, antes muito pelo contrário, basta ouvir certos discursos por aí. Está cada vez mais claro que você não conhece mesmo os alemães.

Foi com grande esforço que me alfabetizei na Língua Portuguesa aos cinco anos de idade. Cursei o ensino primário na escolinha municipal Olavo Bilac de Alto Araguari, localizada a dois quilômetros de nossa residência. A maior dificuldade era a comunicação com a professora, uma senhora obesa, que não sabia falar em alemão. Na época, era proibido falar alemão nas escolas e o município enviava às colônias alemãs professores que não falavam esse idioma a fim de forçar os alunos a aprenderem a Língua Portuguesa.

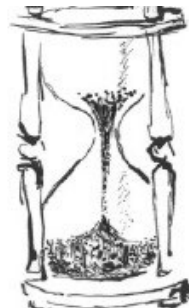
Por outro lado, era divertido estudar em um local com destacada diversidade de alunos, em uma sala sem divisões que abrigava do primeiro ao quarto ano do ensino primário. Cada qual tinha as suas manias e que interferiam no curso normal das aulas. Um aluno em particular deixou sua marca, o Joãozinho, menino muito pobre que só frequentava a escola para comer a merenda fornecida pela prefeitura, não se concentrava nas aulas e só atrapalhava quem quisesse estudar. Sua maior habilidade era matar com as mãos as moscas que insistiam em habitar o recinto escolar. Ele nunca saía do primeiro ano e se destacava por sua altura.

Outro fato que chamava atenção era a quantidade de irmãos na sala de aula. Certa família teve 18 filhos e 12 frequentavam a escola em regime de revezamento: seis no turno da manhã e os outros seis no turno da tarde. Isso facilitava a vida familiar em dois aspectos principais: um deles era sempre ter mão de obra disponível para trabalhar na lavoura e nos campos de ovelhas; outro, era dividir as roupas e calçados usados para irem à escola. A hora do intervalo ou recreio como denominávamos, era a mais aguardada. Além da merenda oferecida

gratuitamente, esse era o momento em que o grupo interagiu com muitas brincadeiras. No final do dia, ao término das aulas, principalmente nos dias mais quentes e longos, muitas vezes deixávamos de tomar o caminho de volta para casa e rumávamos para outro destino.

POSITIVO & NEGATIVO

*Há momentos em que
O SIM é proibido.
Só o NÃO é permitido.
Mesmo que a vida
passe a ter outro sentido.
Em outros momentos,
O NÃO é excluído.
Só o SIM é que é vivido.
Para a vida ter novo sentido.*



PERIPÉCIAS

Um dos lugares em que gostava de me refugiar era na casa de meus avós paternos Josefhina e Francisco Verruck¹⁰. Vovó Josefhina sempre demonstrou sua preferência por mim. Passar a noite em sua casa era um presente adicional, embora tivesse medo do vovô Francisco, que bebia muito e sempre apresentava os olhos avermelhados e arregalados. Ele nunca vivia em sociedade. Certa manhã de inverno, quando acordamos, o encontramos sentado em frente ao fogão a lenha com o fogo alto, as chaleiras de ferro reluziam de vermelho da quentura do fogo e a temperatura da casa estava tão agradável que era impossível aquele fogo estar queimando há pouco tempo. Ele passara a noite bebendo cachaça. Havia noites em que ele bebia um litro de aguardente, acompanhado de cigarros de palha de milho e fumo de corda que ele mesmo trançava. Um homem que dedicou a vida ao trabalho e, conseqüentemente, conseguiu acumular muitos bens materiais, mas, por ter sido escravo do vício foi enganado por muitos que lhe tiraram quase tudo.

Por outro lado eu amava a companhia da *Mutter*¹¹ Josefhina, não havia para mim melhor refeição do que a preparada por ela. O feijão preto cozido na panela de ferro com couro e os pés de porco, salsa e alho, amassado, formava uma consistência cremosa e adocicada, servido com arroz integral e salada elaborada com nabo branco, cortado em fatias

10 **Verruck** é a forma alemã do sobrenome holandês “Ver Rouck”.

11 **Mutter**: mãe. Termo carinhoso como se chamam as avós: “Grossmutter”.

finíssimas e temperado com vinagre de vinho artesanal, eram o marca registrada da cozinha da vovó.

Pular as taipas (cercas de pedras) e percorrer os campos de gado com os primos e irmãos atrás de frutas da estação, como a fruta-do-conde, que exigia escalar a árvore ou colhê-la a pedradas, resultava em viver intensamente a vida de infância, mas que também incorria em alguns incidentes. Em uma dessas colheitas a pedradas o projétil foi parar acidentalmente na minha cabeça provocando uma perfuração profunda, que me deixou desacordada por alguns instantes.

Não raras vezes íamos parar na lavoura de algum vizinho para comer melancias, e nem esperávamos as frutas amadurecerem. Havia vizinhos que enterravam ou cobriam com palhas seus produtos a fim de dificultar a nossa empreitada. Certa feita, um dos meus irmãos abriu um orifício em uma melancia, comeu toda a sua polpa, fechou precisamente o buraco e colocou a fruta oca no mesmo lugar, cobrindo-a com as palhas. Após alguns dias o vizinho encontrou sua melancia murcha no chão, sem entender o que estava ocorrendo. Desconfiado, passou a vigiar diariamente sua plantação.

Em outra ocasião meu irmão mais velho e eu resolvemos visitar uns primos que moravam isolados no meio da floresta, mata virgem de difícil acesso, sendo necessário andar por longo período, munidos de foice ou facão para abrir trilhas até o local. A ferramenta servia para cortar a vegetação rasteira e os cipós que se enroscavam nas árvores dificultando ainda mais a passagem, e também servia como arma de defesa, uma vez que o ambiente era habitado por animais silvestres, como cobras, gambás, gatos-domato e outros. Além disso, o facão ou a foice eram as ferramentas necessárias para colher alimento que a

própria natureza se encarregava de produzir, como o palmito. Escolhíamos os pés mais novos e extraíamos a mais pura flor do coração do palmito para saborear em meio à natureza exuberante. Nesse dia em particular, perdemos a noção da hora, coisa comum de acontecer com crianças quando se distraem em meio a brincadeiras e aventuras desmedidas. A noite fria de inverno caía e não havia mais tempo hábil para voltar para casa. Imagine o desespero dos pais sem saber do paradeiro dos seus filhos! Era humanamente impossível saber por onde crianças aventureiras poderiam ter se metido, uma vez que as possibilidades eram muitas, entre a casa de um parente ou de um amigo. Nesse dia proporcionamos a nossos pais a maior caça humana que eles já haviam realizado. Após procurar por toda vizinhança sem sucesso, entraram na mata, munidos de foice e luz de lampião, em busca do provável paradeiro dos filhos irresponsáveis. Por fim conseguiram nos encontrar às duas horas da madrugada.

MEDO

Na mata.

Trilha a facão.

No meio da noite.

Escuridão.

*O lampião ilumina
o caminho de folhas.*

Medo e coragem se fundem.

Apressam o passo.

O balanço das árvores.

O enroscar do cipó.

O uivo do animal selvagem.

Quebranta o coração dos meninos.

VICISSITUDES

Foram tempos alegres e marcantes. E também tempos de tristezas e dificuldades. Um mês após essa aventura, eu já tendo completado 11 anos de idade, meu irmão mais velho, que tinha 13 anos, veio a falecer com diabetes infantil (tipo 1). Um drama que durou apenas uma semana entre o diagnóstico e o fim fulminante. Adicionalmente, um fato contribuiu para esse rápido desfecho. Uma semana antes de ele vir a óbito, foi efetuada a moagem da cana, que era realizada no engenho manual puxado por animal. Com a garapa fazia-se o melado, um dos ingredientes importantes na culinária local, tanto para o consumo em forma de geleia como para produção da rapadura e do puxa-puxa. Para produzir o melado era necessário cozinhar a garapa em um tacho de ferro com fogo aceso, durante o dia inteiro. Enquanto a garapa fervia, tinha que ser mexida com uma espátula de pau, durante todo o tempo, até ficar com consistência cremosa. O responsável por essa tarefa usava a garapa misturada com água para fazer o mate doce. Nesse dia o meu irmão foi a pessoa designada para fazer esse trabalho. Como a doença que ele portava era desconhecida e por ter ingerido uma quantidade muito elevada de açúcar, a evolução da diabetes foi súbita.

Além disso, nesse mesmo dia uma situação de estresse bastante intensa ocorreu. Ele era criador de coelhos e o viveiro foi completamente destruído pelos cães, que não deixaram restar vivo nenhum animal. Com isso, meu irmão caiu doente, não se alimentava mais, bebia incessantemente litros de água, e veio a falecer em uma data no mínimo curiosa: sexta feira, treze de agosto de 1973, noite de lua cheia, aos treze

anos de idade. Essa data passou a ser uma referência negativa para mim por muitos anos.

Esse fato também contribuiu para que meus pais passassem a se preocupar mais com a saúde da família. Bem verdade que o acesso a tratamentos de saúde adequados era limitado e muito distante de casa. Em geral, as famílias eram numerosas e na minha não foi diferente, sendo oito irmãos. Lembrome de mamãe andando pela casa e só consigo me lembrar dela com barriga. Os filhos tinham idades muito próximas umas das outras e passavam por todo tipo de privações. Devido ao clima frio e úmido, as roupas demoravam a secar e os alimentos muitas vezes não ficavam prontos a tempo de as refeições serem servidas, provocando uma intensa desordem.

A casinha em que nasci era branca, de madeira, com janelas azuis, suspensa sobre quatro pilares de um metro de altura cada. Acredito que essa altura era necessária para proteger a família da umidade, de animais rasteiros e cães com raiva que circulavam com frequência pela região. A casa tinha apenas uma sala, uma cozinha e um varandão em forma retangular coberto com telhas de madeira (*Schindel*), que servia de quarto da família.

Na hora de dormir, para acomodar os filhos era necessária uma boa dose de imaginação. Meus pais dormiam em uma cama de casal em uma extremidade do vão, e as crianças eram acomodadas atravessadas lado a lado, também em camas de casal, cujos colchões eram fabricados com tecido de brim e recheados com palha de milho desfiada. De manhã, esses colchões eram sacudidos para criar volume.

Quando um filho adoecia, contaminava os demais e as pestilências eram as mais variadas. Fomos acometidos por sarampo, caxumba, catapora,

doenças de pele e até piolho. Esse último era tratado com veneno em pó, o “Neocid”, que colocava em risco a vida da pessoa e muitas vezes não eliminava os insetos que insistiam em parasitar a cabeça de crianças e adultos.

Os recursos para curar uma doença ou acalmar uma dor eram tão precários e inexistentes que se lançava mão dos mais inusitados paliativos. Para dor de ouvido, por exemplo, papai assoprava fumaça de cigarro em nossos ouvidos. Para dor de dente bochechávamos aguardente. Em caso de febre chamava-se a benzedeira, que usava uma garrafa de vidro com água, amarrada com um pano na extremidade do recipiente e posicionava a garrafa à cabeça do enfermo. Quando a febre era muito alta a água borbulhava no recipiente (até hoje não entendo por que aquele fenômeno ocorria). Incluindo as verminoses, que são doenças democráticas e que acometem pessoas de todas as idades e classes sociais, nas zonas urbanas e rurais. Sua transmissão ocorre por meio da ingestão de água ou alimentos contaminados. Todos esses fatores faziam parte do nosso cotidiano e propiciavam a contaminação. Caso as dores abdominais evoluíssem para náuseas ou vômitos usava-se gasolina nas narinas com a finalidade de evitar a obstrução da garganta ou para evitar a asfixia, e até a morte.

Além disso, muitos habitantes do interior do Rio Grande do Sul apresentavam crises convulsivas e ninguém sabia o que ocasionava esses eventos. Infelizmente fui uma das premiadas e tive a primeira crise convulsiva aos três anos de idade. Com o falecimento do meu irmão, logo em seguida meus pais procuraram ajuda médica para tentar desvendar meu problema. Tivemos a indicação de um médico neurologista, que diziam ser especialista nessa área

e que trabalhava em um hospital em Vila Progresso, distrito de Lajeado na época. Fomos a cavalo, meu pai, um tio e eu. Levamos um dia cavalgando para percorrer o trajeto de ida e volta. As estradas eram intransitáveis e muitas vezes interrompidas com árvores caídas, terra e pedras em decorrência de deslizamentos. Nestas condições é que atravessamos as matas íngremes e as corredeiras formadas por nascentes no alto dos morros. Além de ter sido um dia exaustivo, não obtivemos uma resposta que apresentasse um diagnóstico conclusivo sobre o caso. Contudo, passei a administrar uma medicação de uso contínuo por muitos anos, indicado para crises convulsivas. A certa altura do tratamento, o médico resolveu trocar o remédio por outro mais atual. Confesso que foi a pior das decisões que aquela criatura de Deus pudesse ter tomado. A medicação ocasionou efeitos colaterais graves, provocando erupções na pele em todo meu corpo, especialmente nos membros inferiores, deixando marcas que o tempo não apagou e passaram a fazer parte de mim para sempre. Esse trauma me afastou até do convívio social. Apesar disso, a situação teve desfecho positivo, a causa dos efeitos colaterais foi identificada, a medicação foi suspensa e nunca mais tive crises convulsivas nem erupções na pele. Só o que me acompanhava era a dúvida sobre o que ocasionava aquelas crises convulsivas em tantas pessoas. Muitos anos depois, já vivendo na Bahia, resolvi pesquisar sobre o assunto e finalmente obtive uma resposta para minhas dúvidas.

Aqui entra mais um elemento associado aos costumes dos colonizadores alemães do interior do sul do Brasil: o hábito de consumir carne de porco nas colônias e que permanece até hoje. Na casa dos meus pais fazíamos todo tipo de embutidos, como: salsichas brancas, vermelhas e as linguiças, que são uma derivação das salsichas alemãs feitas com carne

de porco moída e embutidas em tripas do porco. Estas últimas eram as que mais gostávamos de degustar. Para serem curadas era necessário deixar as linguiças dependuradas e defumando por dias. Em uma ocasião, sem a supervisão de um adulto, ingeri o preparo do embutido cru e, conseqüentemente, tive que passar por todas as vicissitudes decorrentes.

Após 20 anos da primeira crise, já vivendo em Salvador e não apresentando mais crises convulsivas há oito anos, resolvi procurar um especialista em neurologia. Fui submetida a exame de tomografia, ressonância magnética e análise de liquor. O diagnóstico veio rápido. Havia sido contaminada com a “pipoca da carne” ou cisticerco, provocando a neurocisticercose, conhecida popularmente como “bicho do porco”, doença que ataca o cérebro. A neurocisticercose ocorre quando a larva da tênia do porco (*Taenia solium*) infecta o sistema nervoso. Felizmente, apenas formaram-se pequenas calcificações, que não comprometeram nenhuma região importante no meu cérebro.

CAVALGADA

*Cavalo alazão.
Vermelho cor de fogo.
Encilhado com nobreza.
Com destreza,
monta a moça.
Pela estrada galopeia.
Pés no estribo,
mãos nas crinas.
Segue a trilha,
morro acima.
Com certeza não apeia.
Vai ao encontro do que anseia.
Do outro lado da montanha.*

As intercorrências foram muitas, mas nada do que havia ocorrido até então fez com que eu perdesse a vontade de seguir adiante com meus ideais e sonhos. Sempre tive amor à vida e não dava margem para que meu entusiasmo e otimismo diminuíssem. Tinha sonhos, e por eles tinha esperança e queria continuar a viver. Ser professora era uma dos meus desejos na época. A influência veio pelos educadores que faziam da casa dos meus pais sua habitação ou pensionato. Observava sua rotina e procurava imitar aquele exemplo de dedicação. As aulas eram preparadas à noite na cozinha, iluminada a velas que, ao queimar, soltavam fuligem escura que se depositava nas nossas narinas. Sim, porque também ficava ali até tarde da noite estudando. Nas minhas brincadeiras de criança, brincava de ser mestra. Recolhia restos de giz na escola e com eles delimitava na parede a minha lousa. Quando não tinha ninguém para compartilhar minha brincadeira, criava os personagens, dava-lhes nomes, características físicas e até personalidade. Eles eram tão reais quanto a minha vontade de ganhar o mundo.

Ao término do quarto ano, a escola primária da minha comunidade não oferecia continuidade. Aquele lugar passou então a ser pequeno demais para comportar as expectativas de uma criança sonhadora, que observava os velhos com suas mãos calejadas e com seus lombos encurvados de tanto labutar nas lavouras íngremes e pedregosas. Via os adultos perderem seus dentes, por falta de tratamento odontológico adequado e com expectativa de vida em torno de 55 anos de idade. Indignava-me ver as crianças morrerem sem nunca terem a oportunidade de consultar um profissional da área da saúde. Sem contar os muitos pais que maltratavam seus filhos por mais pura ignorância e falta de capacidade de educar.

Isso tudo me perturbava muito e despertava em mim um profundo desejo de mudança. Era como

se não pertencesse àquele lugar. Aos poucos, fui envolvida por uma intensa vontade de deixar pra trás aquele mundo, que até então era o único que eu conhecia.

A PARTIDA

Tomada de coragem e com a certeza de que o que queria mesmo era partir, esperei o momento oportuno para falar com papai. Era preciso que ele estivesse completamente lúcido, pois tinha o hábito de beber cachaça todos os dias, o que o deixava alterado e com comportamento inadequado. Ficava amedrontada e evitava me aproximar dele.

O dia certo chegou, então expus minha vontade. Fui bem compreendida e encorajada, recebi bons e importantes conselhos, que coloquei em prática sempre que necessário. Os principais foram: “liberdade com responsabilidade”, “trabalhar honestamente”, “estudar para vencer”, se caso fosse importunada por algum aproveitador, deveria simplesmente usar o punho fechado e o joelho. Considerei isso estranho e engraçado, o punho deveria acertar o queixo e o joelho, os órgãos genitais. Felizmente, nunca precisei usar essa recomendação. E quando fosse escolher um parceiro para firmar matrimônio, ele disse: “case com um brasileiro, mas não case com um gringo”. Os imigrantes italianos da região eram assim denominados e eram muito seguros quando se tratava de gastar dinheiro devido às muitas dificuldades que enfrentaram quando se estabeleceram no Brasil. Essa era uma opinião pessoal dele, diferente da minha, pois eu os considerava muito corteses.

Quando passávamos algum domingo na residência de um dos nossos vizinhos, o maior produtor de uvas e de vinho da região, éramos recebidos com hospitalidade, e eles serviam as iguarias típicas da sua cultura no almoço, como polenta com bucho de porco e vinho tinto da casa,

e, de sobremesa, puxa-puxa, sagu¹² e mandolate¹³, seguido do café fresquinho passado no saco de pano na hora de servir. No meio da tarde formava-se a roda de chimarrão acompanhada da merenda, que tinha como atração a “cueca virada¹⁴ ou crostele”, pão italiano com banha de porco ou milho cozido.

Os homens tinham o costume de blasfemar fazendo uso de expressões como “dio cane” ou “porco dio”, usadas comumente em casos de infortúnios, literalmente culpando Deus pela má sorte, e “porca pipa”, em alusão a barris defeituosos que apodrecem e estragam o vinho. Já as mulheres blasfemavam quando os maridos buscavam as “putanas” (prostitutas) ou quando ficavam noite adentro nas bodegas se divertindo com jogos de cartas e bocha¹⁵.

12 **Sagu de Mandioca** Provavelmente por extensão de sentido, conforme explica o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, os navegadores portugueses que transitavam entre América e Ásia associaram a palavra sagu à goma (amido) que os índios brasileiros extraíam da mandioca, a qual chamam de tapioca.² Como a palavra tapioca designa também uma iguaria específica, estabeleceu-se que a fécula da mandioca granulada em formato de pequenas pérolas seria chamada “sagu” no português do Brasil. Fonte: Wikipédia.

13 **Mandolate** vem do italiano *Mandolato*, o nome do doce, de *Mandorla*, “amêndoa”. Fonte: Ademir Sebastião Jacomel, Joaçaba/SC. 28 jan. 2014.

14 **Cueca virada, calça virada, ou orelha de gato ou coscorão:** no Brasil e em Portugal, é uma espécie de filhó, um doce feito de massa de farinha de trigo e ovos, estendida em uma tira larga e fina, que é frita e depois polvilhada com açúcar. Muitas vezes, antes de fritar, a tira de massa leva um corte no meio para se poder fazer um nó. Esse tipo de doce, tradicional em muitos países da Europa, está normalmente associado às festas do Natal e Ano Novo e foi levado pelos colonos para várias regiões do mundo. Fonte: Wikipédia.

15 **Bocha (Português Brasileiro)** ou **boccia (Português Europeu)** é um esporte jogado entre duas equipes, sendo seis bochas (bolas) para cada equipe, na modalidade de trio, quatro bochas (bolas) na modalidade dupla, duas para cada atleta, e quatro também na modalidade individual, em que dois jogadores, um de cada equipe, se enfrentam individualmente. Fonte: Wikipédia.

Partir foi um ato extremo de valentia para uma criança com apenas 11 anos de idade. Embora para um adulto ficar distante nove quilômetros de casa seja considerado perto, para uma criança essa distância se multiplicava muitas vezes, especialmente pela dificuldade de locomoção na época. As estradas eram de terra, o trajeto para ser percorrido levava em torno de duas horas a pé e ninguém tinha automóvel.

Deixar para trás a pitoresca propriedade onde nasci e passei a infância. A casa banhada pelo sol nascente, que oferecia sombra tranquila durante as tardes no quintal, onde se tomava chimarrão com a família e amigos, era também circundada por extenso pomar com grande variedade de frutíferas, além de a propriedade ser cortada por águas cristalinas que brotavam nas terras vizinhas. Havia ainda um parreiral de uvas roxas, com as quais papai produzia vinho e vinagre artesanal, que eram armazenados no porão da casa em barris de madeira (essa era mais uma entre tantas produções para subsistência familiar). Enfim um lugar onde era possível ouvir o canto dos pássaros ao amanhecer, apreciar o voo das borboletas coloridas ao anoitecer e ouvir o som das cigarras, dos grilos e das rãs nos dias abafados de verão.

Para adaptar-me a um mundo completamente novo, não foi nada fácil. Vivenciar novas experiências longe da família foi a primeira grande prova que enfrentei na estrada da vida que começava a trilhar sozinha. Muitas foram as noites em que só tinha o travesseiro como conselheiro.

No primeiro semestre, o distrito de Vila Sério providenciou transporte escolar para os alunos, que residiam em comunidades mais distantes, como: Porongos, São Francisco e Nova Paris, que era o meu caso. O arranjo só funcionou pelo período de um mês, uma vez que o veículo utilizado, uma Rural, era

muito velho, quebrava com frequência e nos obrigava a fazer o trajeto até a escola a pé.

Em dias chuvosos enfrentávamos a lama vermelha e escorregadia com os pés descalços para conservar o único par de calçados que tínhamos. Em dias de sol no verão, além do calor escaldante que encharcava nossa farda escolar de suor, enfrentávamos a poeira das estradas de terra que acumulava uma camada fina de pó vermelho sobre nossas roupas molhadas. A camisa cor de rosa, cor adotada pela *Escola Municipal Pedro Müller* de Sério, passava a ter cor roxo-terra.

Devido ao longo percurso, as necessidades fisiológicas eram feitas nas capoeiras à beira da estrada e não era novidade se deparar com excrementos humanos deixados por outros andarilhos, matéria fértil para moscas varejeiras, que colocavam em risco nossa saúde. Todas essas dificuldades fizeram com que a maioria dos integrantes do grupo desistisse de estudar.

Esses percalços, contudo, não me intimidaram. Como meu desejo era seguir em frente, continuei durante um mês a enfrentar diariamente 18 km a pé, somando a ida para a escola e a volta para casa. Lugarejos pontuavam o trajeto, um deles era São Francisco que se localizava em uma planície, um lugar bucólico tendo em seu cenário uma escola, uma igreja e um salão de baile. O local servia de referência da metade da minha caminhada e era lá que mamãe me aguardava. Sempre que possível, ela ia ao meu encontro com um cavalo a fim de aliviar aquela jornada cansativa.

Por fim, consegui um local para me estabelecer e parti definitivamente. Nos quatro meses seguintes, tive a felicidade de conviver com uma família encantadora, sem filhos, nossos primos distantes,

que me incentivaram em buscar realizar os meus sonhos. A garra e o desejo de buscar algo novo a cada dia me fascinavam.

Ali, naquela pequena vila cortada por uma extensa avenida enladeirada (Vila Sérico), que de sério só tinha o nome, começava um dos primeiros capítulos de uma longa estrada que eu ainda iria percorrer em minha vida...

A adaptação na nova escola foi penosa. A começar pelo ambiente, a escola não tinha sede e as aulas eram ministradas em um grande salão paroquial, sem divisórias das salas. A concentração era dificultada em decorrência da proximidade das turmas umas das outras. Era comum estar assistindo a uma aula de Matemática e passar a se concentrar na aula de Português da sexta série, ou ainda na de História ou Geografia da sétima ou oitava séries, sem contar que eu apresentava déficit de atenção. Consequentemente, poucas eram as notas azuis no meu histórico escolar no primeiro semestre da quinta série. Além disso, o frio do lugar era assolador por se situar no alto das montanhas.

PRUDÊNCIA

*Neste mundo tão ausente.
Queira só o contentamento.
Viva bem os bons momentos.
Nunca corra atrás do vento.
O vento e o futuro
logo passam, é presente.
Não deixe para depois
o de agora em sua mente.*

Nas férias de inverno do ano de 1974, resolvi mudar de escola. Passei a frequentar uma unidade mais próxima de minha casa, em Vila Canudos. O local era cortado por um grande rio e ali o frio era menos intenso por se tratar de um vale. O distrito tinha sede escolar própria, a E. E. Hugo Oscar Spohr, que possibilitava a separação das turmas por séries. Assim, tive a oportunidade de me concentrar mais nos estudos.

Minha nova acomodação foi na residência do meu professor de Matemática, casado com uma professora. O casal tinha um filho pequeno que não havia completado um ano de idade. Meu tempo era dividido entre estudar e ajudar em pequenas tarefas do lar. Uma delas era logo ao amanhecer buscar leite fresco na casa comercial da família Pretto, comerciante que tinha a concessão de uma linha de ônibus e possuía uma pequena propriedade na vila com criação de vacas leiteiras.

Passei apenas dois meses nesse local em decorrência das frequentes brigas do casal. A esposa, uma mulher de estatura pequena, com comportamento valente e agressivo, agredia o marido diariamente, colocando-me em situação desconfortável. Resolvi fazer nova mudança, e dessa vez fui parar na casa do tio materno Romaldo Ledur e da tia Waldemira. O casal, com três filhos (Neiva, Veronice e Neuro), família hospitaleira e amorosa, me acolheu sem exigir nada de mim, apenas que me dedicasse aos estudos. Embora tivesse que andar quatro quilômetros em uma trilha na mata todos os dias e ter precisado fazer seis provas finais, obtive aprovação.

FLUME

*O rio do grande vale,
ávidas e gélidas são suas águas.
Uma vila com dois lados
e um só povo muito amado.
A estreita pinguela,
tão frágil e singela,
não comporta nem o peso
de um cortejo fúnebre.
Ela une os dois povos,
apartados pelas águas.
A intensa correnteza
do rio enfeitado
que com força indomável
abraça as suas margens.
Desperta na criança o medo e a esperança
de que um dia aquela vila
fique apenas em sua lembrança.*

Imagem 5 – Colheita de fumo (1960)



Identificados:

- 1- Ermindo João Verruck (meu pai)
- 2- Júlio Abreu

3- Hélia Abreu

4- Ilse Verruck

5- Dalva Verruck

Fonte: Acervo da autora.

No ano seguinte, fui passar o verão com minha família na pequena localidade onde nasci, Nova Paris – na certidão de casamento de meus avós paternos constava Nova Allemanha, tendo esse nome sido mudado na época da guerra. Passei três meses na colônia dos meus pais.

Aquele período foi acometido por intensa seca, muitas nascentes de água secaram colocando em dificuldade a vida dos colonos. Para piorar a situação, nosso vizinho desviou o curso da nascente de águas que brotava em sua propriedade e que abastecia a nossa colônia, levando à morte nosso gado. Ele tomou essa atitude a fim de fazer reserva de água para seu rebanho, obrigando-nos a buscar água para consumo em outras propriedades à longa distância de nossa casa.

O fumo estava pronto para ser colhido e fui intimada a participar de todo o processo da colheita, que começava com a remoção das folhas dos pés, que, em seguida, eram enfeixadas e colocadas em uma carroça puxada por bois. Já no galpão, fazia-se a amarração, que consistia em amarrar pequenos maços de folhas com um cordão em uma vareta. A próxima etapa era pendurar todas as varetas no estaleiro para secar por alguns dias. Só então é que se fazia a secagem final em uma grande estufa com fornalha a lenha, que queimava por vários dias. As crianças aproveitavam essa mesma fornalha para assar milho e pinhão. Era a parte divertida do trabalho infantil.

À medida que as primeiras fornadas secavam, iniciava-se o trabalho de sortir o fumo. Primeiramente, as folhas eram desamarradas e, depois de separadas por tipo ou qualidade (tipo A até E), eram prensadas em feixes de 15 kg ou uma arroba, que eram vendidos

para a fábrica de cigarros Souza Cruz. Esse trabalho era tão penoso quanto o feito com o fumo verde.

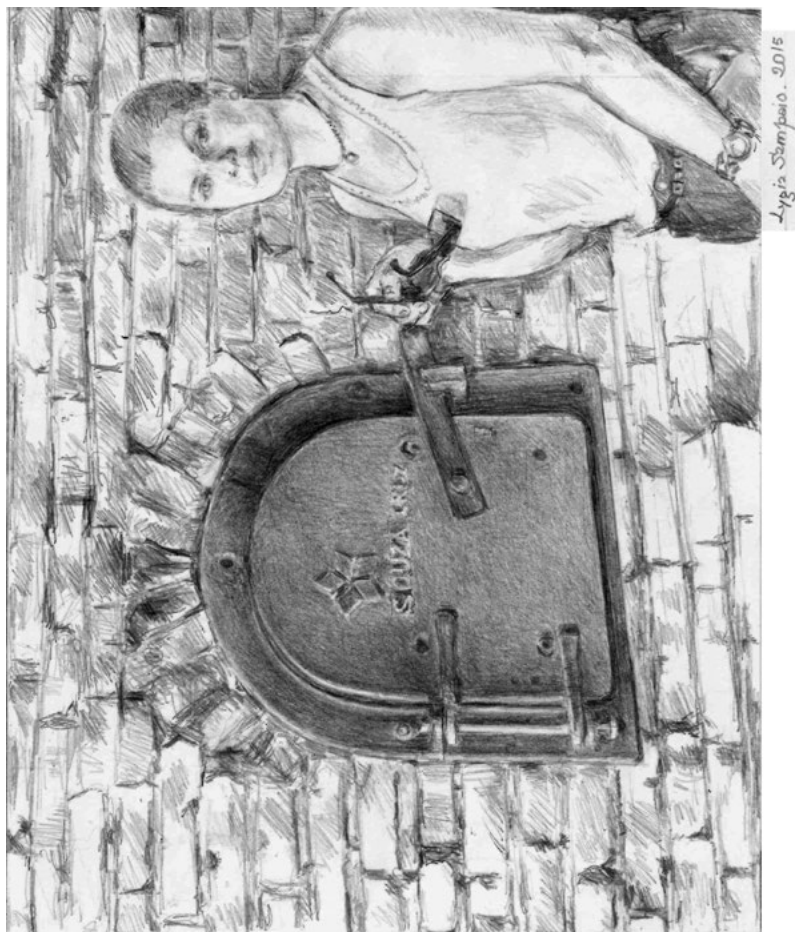
Particularmente, eu não gostava de participar de nenhum dos dois, uma vez que o manuseio do fumo verde deixava as mãos grudentas, encobertas por um grude marrom que soltava das folhas e que só era possível de ser removido com solvente ou querosene. Já o fumo seco soltava muita poeira e forte odor. Por não fazer uso de máscaras, todos da família e agregados que trabalhavam em regime de troca de mão de obra padeciam com sérias crises de rinite e sinusite.

Com essa atividade desenvolvi manias, como lavar as mãos com frequência, beber goles de água para lavar a garganta e certas manias de limpeza difíceis de controlar.

BOICOTE

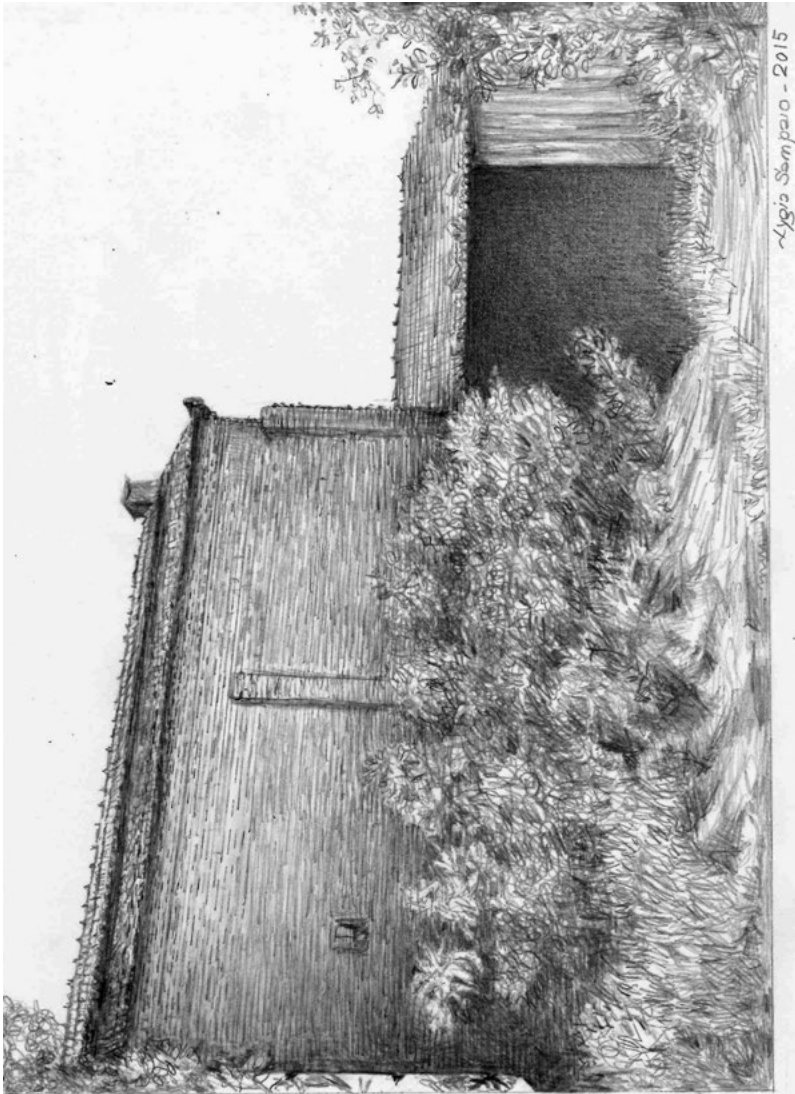
*Bem no alto lá na serra,
brota mansa e sem pressa,
a nascente de águas claras.
Sempre frescas e cristalinas,
descem com intensa pressa,
lá ao lado nas vizinhas terras.
O gado observa cá sedento,
as corredeiras tão desejadas.
Morre de sede aos poucos
das águas que lhe são negadas.*

Imagem 6 – Fornalha da estufa de fumo, Nova Paris, Canudos do Vale-RS



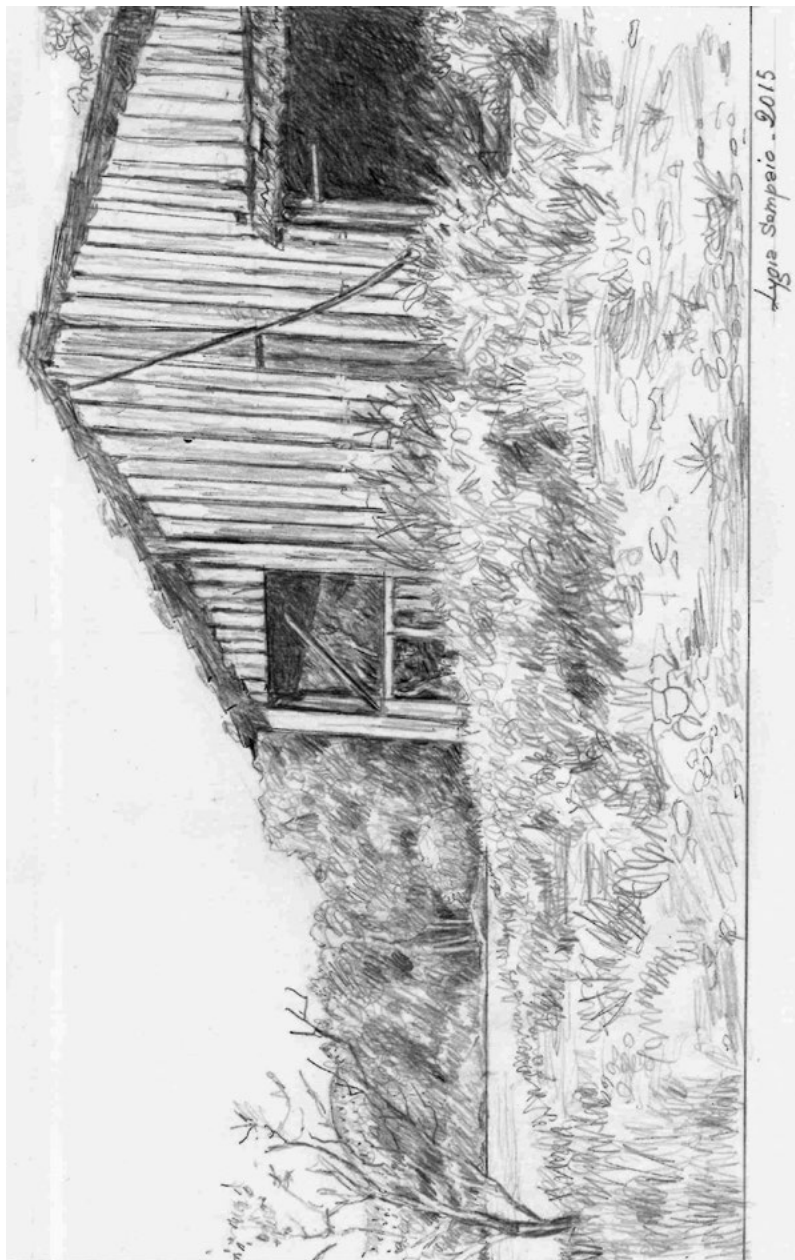
Crédito: Lygia Sampaio, 2015.

Imagem 7 – Estufa de fumo, Nova Paris, Canudos do Vale-RS



Crédito: Lygia Sampaio, 2015.

Imagem 8 – Galpão e lago, Nova Paris, Canudos do Vale-RS



Crédito: Lygia Sampaio, 2015.

REFLEXÃO

Foi nesse período que refleti sobre o que realmente queria para minha vida. Aquele momento serviu para pensar sobre as situações vividas no ano que acabara de terminar. Cheguei à conclusão que, além de sentir saudades da família, também sentia saudades dos colegas e amigos que fiz no início da quinta série. Sentia saudades até de ver as turmas enfileiradas, por ordem de tamanho, na frente do salão paroquial toda vez que o sino tocava anunciando o início das aulas. Descobri que era uma saudosista nata. Foi então que resolvi voltar para a gélida Vila Sérico, a qual havia deixado para trás no inverno do ano anterior.

MOMENTOS

Retirada para reflexão
Isolamento para o equilíbrio
Contentamento que invade
Alegria que transborda
Silêncio que acalma
Paz que acalenta
Mar que joga ondas
Ondas que balançam noites
Noite que embala o sono
Sono que adormece olhos
Madrugada que tranquiliza mentes
Mente que silencia pensamentos
Amanhecer que faz confiante
Sol que irradia beleza
Um novo despertar
Uma nova vida adiante.

PEREGRINANDO

Ao retornar para Vila Sérico, haviam ocorrido algumas mudanças. A escola passara a ter sede própria, favorecendo o ensino de melhor qualidade. Contudo, os colegas e os mestres eram os mesmos, as turmas continuavam a enfileirar-se no pátio da escola antes de cada período. Até o garoto que tocava o sino anunciando o início das aulas e que brincava de me abraçar e me chamava de “meu amor” – me deixando desconcertada – era o mesmo.

Passei a morar com uma senhora de 55 anos, viúva do escrivão da vila (Sra. Erna Schahren), mãe de quatro filhos (que moravam fora), em uma casa com muitos cômodos e que possuía seis lindos felinos.

Como toda nova experiência tem suas particularidades, nessa também não poderia faltar algum fato inusitado. Um deles é que a viúva só falava *Hochdeutsch*⁹ e eu só falava o dialeto *Hunsrückish*⁸. Mais uma vez me vi confrontada com a barreira do idioma. A dificuldade de comunicação era imensa, por se tratar praticamente de duas línguas distintas. Aos poucos fomos descobrindo a melhor forma de comunicação. No princípio era por meio de mímica, em seguida foi evoluindo para o diálogo.

AGULHA DE OURO

*Na cidade iletrada
O comércio, seu sustento
Dos letreiros das fachadas
Só há um que é sem defeito.
Perfeito só o da alfaiataria
“Águia de Ouro”.
Parabenizado pelo prefeito,
O alfaiate, indignado,
Responde todo intrigado:
Aqui há algo errado!
O correto é “Agúia de Ouro”.
Se eu fosse o prefeito
Desse povo iletrado
Logo, logo eu dava um jeito e
transformava essa realidade.*

O momento mais esperado era o horário após o jantar. Acomodávamo-nos em uma sala com dois grandes sofás vermelhos, fabricados com material sintético. Também fazia parte do cenário um órgão antigo posicionado em um canto da sala; no outro canto, sobre um móvel igualmente antigo, ficava a TV em preto e branco, a que eu assisti pela primeira vez. Minha preferência era por assistir uma série de TV *Western*. Em particular apreciava, *Bonanza*¹⁶. Os seis felinos eram companhia assídua e cada qual disputava seu lugar para acompanhar conosco a série. Nem as noites frias de inverno nos intimidavam de apreciar nosso programa preferido, pois nos enrolávamos em cobertores de lã e fazíamos o ingresso na saga do rancheiro viúvo.

Com o passar do tempo, fui me adaptando àquela nova vida. Ganhei uma nova família, com quatro novos irmãos, dois rapazes e duas moças, que sempre que possível nos visitavam nos finais de semana, e uma mãe maravilhosa, que muito me ensinou. Fomos companheiras, confidentes, amigas verdadeiras. Dividíamos as mais variadas tarefas na pequena propriedade, que produzia de tudo um pouco.

Todas as tardes eram reservadas para ir à escola e o turno da manhã, para as atividades extraescolares, para trabalhos domésticos e no campo. No verão coletávamos galhos secos em uma reserva de mata limítrofe ao potreiro, que serviriam de combustível para queimar no fogão a lenha no inverno. Também fazíamos silagem para alimentar o gado nos dias frios.

16 **Bonanza** foi uma série de TV de *western* exibida na emissora de televisão americana NBC, de 12 de setembro de 1959 até 16 de janeiro de 1973. Co-patrocinado pela fábrica de aparelhos de televisão RCA, um dos braços da NBC e também pela Chevrolet, tornou-se um dos maiores sucessos da televisão. Fonte: Wikipédia.

Tenho saudosa lembrança do dia em que fui pela primeira vez dobrar o milho no milharal com minha nova mãe. Separávamos as palhas, que eram amarradas em feixes, e em seguida dobrávamos o pé de milho com a espiga virada para baixo, com o objetivo de terminar a secagem até a colheita.

Além dessas atividades, quando o tempo permitia, eu confeccionava artesanatos de crochê e vestimentas de tricô para comercializar, com a finalidade de subsidiar meus estudos.

Em frente à residência ficava o pequeno cartório, no qual aos sábados ocorriam os casamentos. Ficava observando a alegria dos casais recém-casados e me imaginava um dia naquele cenário lindo e feliz. A casa também era circundada por um pomar com grande variedade de frutíferas. Uma delas era de ameixas pretas, que usávamos para fazer compotas ou eram desidratadas no sol para serem utilizadas fora da estação para fazer bolos e tortas.

Outra atividade que fazia parte do nosso dia a dia, e era o que mais gostava de fazer, eram os cuidados com a horta. Cultivávamos todas as hortaliças que consumíamos. Já conhecia as técnicas de implantação de horta, ofício ensinado por meu pai nos meus primeiros anos de vida. Era prazeroso mexer com a terra, desde o preparo dos canteiros até o plantio e a colheita. Ver germinar cada nova semente plantada com as próprias mãos, ver crescer cada muda transplantada até o momento da colheita era recompensador. Preparar as refeições com os produtos frescos da terra, colhidos na hora de consumir, me ensinou bem cedo na vida a valorizar o trabalho do homem do campo.

OUTONO

*A chuva lá fora
cai sem cessar.
Anuncia a chegada
do outono tropical.
As águas frescas
inundam o jardim
e expulsam os insetos
da terra encharcada.
Eles buscam outro refúgio,
até a próxima primavera.*



AMOR PLATÔNICO

Surge minha primeira paixão. Aquele amor que só você vive, pois o outro não sabe da sua existência. O amor platônico que nasceu das brincadeiras daquele garoto que tocava o sino todos os dias anunciando o início das aulas.

Nas quartas-feiras à noite, os meninos do colegial jogavam futebol no campo nos fundos do salão paroquial, atrás da antiga sede da escola municipal, e da janela do meu quarto era possível ver o garoto, por quem era apaixonada, jogando na posição de goleiro. Passava horas observando o jogo sem me cansar.

Aos domingos, na missa das oito horas da manhã, tinha mais uma oportunidade de passar um bom tempo observando aquele amor que era só meu. Arrumava-me com a melhor roupa, nunca variava muito, pois eram poucas as peças no guarda-roupa. Chegando lá, raramente prestava atenção à missa, não comungava nem me confessava, coisa que só fiz no dia da Primeira Comunhão porque fui obrigada a fazê-lo. O meu único interesse na missa era manter os olhos fixos no meu príncipe encantado e procurar um jeito de chamar sua atenção.

Até dos ensaios dos cânticos para a missa dominical eu participava. Eles ocorriam nas noites de sábado e eram realizados na casa canônica de Vila Sêrio, que ficava ao lado da igreja. O meu objetivo era no dia seguinte poder mostrar algum talento que servisse para realizar o meu propósito. A família Schauern sempre marcava presença e eu os acompanhava com o intuito de soltar a voz ao som do violão e de um antigo órgão, mas era como remar contra a correnteza, pois minha voz era tão desafinada que espantava até os mosquitos que voavam em círculo em volta da luz. O resultado foi

que nunca consegui um trunfo ou uma prenda que me favorecesse, fazendo com que aquele amor silencioso me acompanhasse por muitos anos e fizesse com que não me interessasse por mais ninguém durante um bom tempo.

AMOR

*Sentimento sublime
Manobra irracional
Consciência desnuda
de pobres mortais.
No mundo terreno,
não tem chão,
não tem compasso,
não tem medida.
Interna é sua morada.
Desejo irrequieto,
desassossegado.
O peito orbita,
se agita,
na procura infinita
do impalpável.*

Três anos se passaram e eu não era mais uma menina. Sentia-me pronta para novos desafios.

Quando estava na sétima série, fui convidada para representar a turma no concurso de beleza no baile dos estudantes que acontecia todo ano. Era incomum alguém participar desse concurso antes de chegar ao último ano do colegial. Mas como preenchia os pré-requisitos para tal, aceitei o convite, sem grandes esperanças de levar o título, levando em conta que as demais participantes tinham bom poder aquisitivo, eram filhas dos comerciantes da vila e eu era uma menina simples vinda de uma família do interior.

Outro fator que me levava a desacreditar que pudesse vir a ser bem-sucedida tinha a ver com o corpo de jurados, composto pela elite vinda do município de Lajeado, entre eles o prefeito da cidade, Alipio Huffner (1973-1976), sua esposa, o sucessor recém-eleito Dr. Darci Corbellini (1977-1982) e esposa. Contudo, fui com coragem e, de cabeça erguida, enfrentei a passarela como se estivesse atravessando um mar de dragões. Para minha surpresa, venci. E ainda recebi o convite feito pelo prefeito sucessor para representar o município no concurso municipal com seu patrocínio, mas meu pai não permitiu.

Nem me importei, pois aquele dia estava sendo o dia mais feliz para mim até então. Era meu primeiro baile e ainda não havia completado 15 anos. Rodei o salão a noite inteira ao som de muita valsa, xote, rancheira e vanerão (ritmos ou danças gaúchas de salão) com meu vestido preto de gala com corte godê, bordado na cintura com paetês furta-cor e calçando um sapato de plataforma, de número maior do que o meu, emprestado pela prima Nelci. Passei a ter autoestima e a acreditar que o poder e o dinheiro nem sempre andam na frente das escolhas e das decisões das pessoas.

MEU CHÃO

*Sou menina,
Nascida no mato
Meu ser é terra molhada
Meu viver é noite enluarada
Sou orvalho do amanhecer
Sou canto da passarada
Sou luta
Sou sede de viver
Sou lua alumiada
Minha caminhada,
as estrelas decifram.
Minha morada,
o vácuo.*



SEDE DO MUNICÍPIO

Em 1977, com 14 anos, resolvi deixar aquela encantadora vila, que marcou minha adolescência. Mudei-me para a sede do município, Lajeado, a cinquenta quilômetros de distância. O objetivo era trabalhar durante o dia e estudar à noite.

Enfrentei grande dificuldade para conseguir trabalho por causa da pouca idade. Nos primeiros seis meses fui morar com uma família, cujo cabeça era um químico industrial e que estava com câncer, em estado terminal. Sua esposa passava todo tempo ao seu lado em um hospital na capital do Estado, Porto Alegre, e, dessa forma, necessitavam de companhia para os três filhos, tendo a mais velha a minha idade. Considerava uma responsabilidade muito grande assumir aquela situação, uma vez que sempre convivi com pessoas mais velhas e eu era apenas uma pré-adolescente.

Passei por momentos dramáticos ao lado daquelas criaturas, e não sei mensurar quem se sentia mais desamparado naquele momento, se elas ou eu.

Os dias eram difíceis e manter a atenção às aulas durante a noite era quase impossível, especialmente por se tratar de uma escola estadual, a Fernandes Vieira, que tinha um grande número de alunos em sala de aula, e, também, por estar passando por uma situação de intenso estresse emocional.

AGUILHÃO

*O medo,
estado da mente.
A mente,
um mistério.
Tempo fugaz.
O tempo passa.
Tudo passa.
As nuvens passam.
A vida passa.
Você passa pela vida.
Nessa vida,
perca o medo.
Encare os mistérios da vida.
Escorregue pelo tempo.
Seja feliz.*

Após seis meses da minha chegada, as crianças ficaram órfãs de pai e passaram a ter a companhia da mãe. Resolvi buscar uma situação de vida mais confortável, cômoda e feliz. Consegui rapidamente um trabalho em um restaurante, o “Estoril”, de propriedade de um casal de idosos, que, além de me oferecer emprego também providenciou hospedagem na própria residência. Fazia parte da família e sentia muita gratidão por ter aquela oportunidade.

Continuei a estudar à noite e trabalhava no restaurante durante o dia. Ali passei dois anos alegres e felizes. Ocupava todo meu tempo com o trabalho e os estudos.

No segundo ano do Ensino Médio, quando já estava estudando no Colégio Estadual Presidente Castelo Branco (popular Castelinho), cursando o curso profissionalizante de assistente de administração, um fato novo e dramático me direcionou na contramão da minha caminhada e tive que abandonar tudo o que já havia conquistado até então. Senti o mundo desabar. Pode parecer pouco, mas para mim eram conquistas importantes, uma vez que venci sozinha a barreira do preconceito de ganhar o mundo na condição de mulher e viver longe do amor, da proteção e do carinho da família.

PAIS

Vêm ao mundo...

Dão a vida...

São de graça...

Sem opção...

Têm a vida sofrida.

Seu amor, a perfeição.

Quão nobre é o abraço,

amor sem condição.

O RETORNO

No inverno de 1979, mamãe adoeceu gravemente e teve que ficar internada durante seis meses em decorrência de uma crise depressiva profunda. Papai dividia seu tempo entre o hospital e a construção de uma casa na cidade de Lajeado.

Fui incumbida de voltar para a colônia com a finalidade de tomar conta de meus três irmãos mais novos, na época com dez, sete e quatro anos de idade. Além disso, o lar, que sempre teve a supervisão zelosa de mamãe, que era ótima dona de casa e costureira de profissão, e a lavoura, os tratos com os animais, que até então papai jamais negligenciara, precisavam de atenção. Acordava às cinco horas da manhã e só dormia altas horas da noite, pedindo a Deus misericórdia e uma solução para todo aquele drama que estava passando. Pedia principalmente força e sabedoria para cuidar dos meus irmãos para que eles sofressem pouco.

INVERNO

Junta os bois.

Apõe a cangalha.

Segura o relho.

Sobe a montanha.

Na carroça,

a silagem.

O minuano frio sopra,

corta a pele da criança.

Embarcada.

Ela canta...

“Boi... Boi...”

Espanta o frio!

O minuano meu lombo corta”.

Foi desafiador enfrentar o frio rigoroso do inverno nas montanhas e vencer todas as tarefas que são comuns a mulheres e homens fortes, preparados para o trabalho do lar e do campo.

Cedo de manhã, seguia a rotina do meu pai acendia o fogo no fogão a lenha, preparava o chimarrão e aguardava minha avó paterna chegar para me auxiliar na ordenha das vacas, uma vez que o leiteiro passava para recolher o leite assim que raiava o dia. Esperava as crianças acordarem para tomar o café da manhã, geralmente leite com ovos e pão artesanal, que eu mesma preparava. Receita ensinada por minha mãe, que consistia em sovar a massa por bastante tempo, deixando-a crescer por algumas horas, e, em seguida, dividi-la em pedaços e colocá-la em formas de latão para serem assadas no forno de barro. Muitas vezes o frio era tão intenso que a massa crescia muito lentamente e só era possível assar o pão no dia seguinte, perdendo-se o aquecimento do forno, tendo que repetir todo o processo novamente.

Demandava ânimo e energia sobre-humana executar as muitas funções que o momento exigia. E nem sempre tudo corria como o planejado. Certa vez, por falta de experiência, me feri gravemente. Ao acender o fogo no fogão a lenha, deixei de abrir uma das bocas superiores da base, procedimento necessário no caso, abrindo somente a porta frontal. Ao atizar fogo na lenha encharcada de querosene para acelerar o acendimento, o fogo retornou pela porta dianteira provocando queimaduras graves em toda minha face, não deixando restar quase nenhum cabelo na cabeça.

Passei a usar corte de cabelo bem curto por um longo período. Minhas sobrancelhas fechadas, largas e bem delineadas perderam a forma por definitivo.

A pele passou a ter textura áspera, sem viço e com muita acne. Sentia-me como se o mundo tivesse literalmente desabado sobre mim. Contudo, nunca perdi a fé e a esperança de que dias melhores viriam.

ESPERANÇA

*Expectativa vazia
do fim incerto.
Busca frustrada
do tempo intangível.
Sentimento doído
do inalcançável.
Caminho da espera
do inatingível.*

O RECOMEÇO

O ano de 1979 chegou ao fim, mamãe teve alta do hospital, pesava quarenta quilos e negava-se a se alimentar. Ela insistia que tinha um tumor na garganta e que era impossível ingerir alimentos. Tudo não passava de uma doença imaginária.

Além disso, durante toda sua vida ela conviveu com um mal muito grande: suas pernas foram acometidas por úlceras crônicas e varizes, que evoluíram para erisipela e que nunca puderam ser tratadas adequadamente, uma vez que ela tinha um filho seguido do outro e o procedimento cirúrgico não era indicado. Juntando isso com a avassaladora depressão, sua vontade de viver tinha chegado ao fim.

Consequentemente, ocorreu uma quebra na ordem natural do curso da vida, uma sobreposição de idades e tive que me tornar mãe da minha mãe, avó dos meus irmãos e uma consoladora do meu pai. Precisei ensinar minha mãe a dar os primeiros passos tal criança saindo da condição de engatinhar. Enxuguei suas lágrimas da dor psicológica que perturbava sua mente. Usei as energias físicas que ainda me restavam para vestir suas roupas em seu corpo frágil, sem forças e amarelado em decorrência de uma hepatite contraída simultaneamente. Enfim, tive que ser a alegria na dor e no sofrimento.

Passei mais algum tempo ao lado de minha mãe, esperando que seu ânimo melhorasse. Passamos juntas por uma situação engraçada, que, apesar de arriscada, foi cômica e me proporcionou a alegria de ver mamãe sorrir novamente. Certa noite em que papai se encontrava na cidade de

Lajeado terminando os últimos detalhes da casa em construção, escutamos o maior alvoroço das galinhas que ficavam trancadas no galinheiro durante a noite. Uma raposa resolveu fazer uma visita durante a madrugada. Ela conseguiu se infiltrar no recinto sabe-se lá como, subiu no poleiro e degolou pelo menos meia dúzia de galinhas. Mamãe, munida de lampião e uma bengala, corajosamente enfrentou aquele enorme predador usando seu bastão como arma, deixando o animal morto esticado no chão. Ato consumado. Descansamos ao lado do defunto e caímos na gargalhada.

Aquela atitude me encheu de otimismo. Mas por algum tempo ainda passei ouvindo diariamente que ficaria órfã de mãe e que teria que ficar no posto dela tomando conta dos meus irmãos e de papai. Tive que ser forte para não chorar na sua frente e para não entrar em depressão também. Usava uma frase diariamente, que repetia tantas vezes quanto pudesse: “mãe, a senhora vai viver muito tempo, ainda vai enterrar muitos parentes e amigos”, e não foi diferente. Atualmente ela está viúva, com 78 anos de idade, gozando de relativa saúde e já enterrou três filhos, um neto, sobrinhos, irmãos, muitos parentes e amigos. Ela tornou-se um exemplo de fé e perseverança.

VIGÍLIA

*Mente inquieta.
Embalada em noites
Mal dormida
Aguarda afoita.
Os belos caminhos
Os sinceros abraços
A coleção de sorrisos
Os suaves passos.
A aurora boreal
Seus coloridos arcos
Além do horizonte
Seu descanso.*

Em fevereiro do ano seguinte, voltei para a cidade de Lajeado com o intuito de trabalhar. Sem ter formação profissional era difícil conseguir emprego. Passei aquele ano tentando encontrar um novo rumo para minha vida.

Inicialmente fui trabalhar em um casa como *baby sitter*. Passei alguns meses nessa função enquanto aguardava minha vida acontecer novamente. Muitas vezes o desânimo tentava se instalar. Oh! Quanto chorei. Oh! Quanto orei.

Um belo dia, antes que o ano terminasse, no dia 6 de dezembro de 1979, recebi uma boa notícia: havia conseguido o tão esperado emprego, em uma área que também sonhara desde criança: joalheria. Dediquei-me com afinco, foram dois anos de intenso trabalho, sem gozar férias, com intenção única de fazer reserva financeira. Caminhava longa distância de casa até o trabalho a fim de evitar gastos com transporte.

Logo que comecei a trabalhar ainda continuei por um mês na minha antiga residência, então me mudei para a casa que papai havia construído enquanto mamãe se encontrava hospitalizada. O imóvel estava alugado para um casal de primos com um filho. Como não tinha quarto disponível para mim, dormia na cozinha, o que não me incomodava, uma vez que não tinha custo nenhum com minha acomodação.

Mal podia imaginar que a partir daí começaria a vivenciar um verdadeiro drama da vida privada de uma família recém-formada. O marido da minha prima, que não consigo chamar de humano, a espancava diariamente na frente do seu filho pequeno e não se constrangia com minha presença. Tive que suportar aquela situação por meses, e na calada da noite, após presenciar uma verdadeira sessão de tortura, restava-me chorar e orar para que Deus olhasse por mim e também por aquela família sofredora.

REFLEXÃO

*Na superfície,
águas calmas.
Nas profundezas,
mistérios.
Oh! Homem terreno!
Insignificante ser.
Não sabes,
que DEUS tudo vê?*

No final daquele primeiro ano de trabalho fiz nova mudança de endereço. Fui morar provisoriamente em uma república, até conseguir um pensionato que ficasse mais próximo do meu trabalho e de que pudesse me deslocar a pé. Não demorou muito e surgiu o que procurava. Novamente arrumei as malas, com as poucas coisas que acumulava propositalmente, a fim de facilitar a vida de ambulante que levava. Meu novo endereço ficava na avenida principal da cidade, a Alberto Pasqualini, em frente à antiga fábrica de cigarros Souza Cruz e a poucos metros da loja Exportadora de pedras O. Jachetti na qual trabalhava.

Parecia tudo perfeito, mas outra vez surgiram dificuldades. Na frente do pensionato funcionava um bar, que diariamente aglomerava viajantes que paravam para beber e jogar cartas. À noite se tornava torturante, com muita poluição sonora, que não favorecia a boa qualidade de sono. Além disso, um habitante do pensionato insistia em furtar meus pertences, episódio que me obrigou a comprar meu próprio guarda-roupas com tranca. Juntando os pontos negativos, vi-me sem saída e tive que arrumar as malas novamente, agora com um utensílio a mais, o guarda-roupas.

Naquele primeiro ano de trabalho morei em quatro endereços distintos. No ano seguinte fiz mais duas mudanças e continuei a me deparar com situações perturbadoras. Em um dos casos, a dona do pensionato, uma senhora iletrada, porém muito amável, sofria com as traições do marido, que formara nova família com a concubina, teve um filho com ela e não sustentava mais a casa, obrigando-a a locar dois dos quartos ociosos da casa.

Pude concluir que a vida de cada família daria uma grande obra literária, direcionada mais para o

drama do que para a comédia. Parecia que estava predestinada a levar uma vida de ambulante e aquilo tudo me cansava muito.

Por fim decidi alugar um apartamento, mobiliar e decorar com as minhas economias, levando para morar comigo duas irmãs, carregando a certeza de que passaria a ter uma vida sossegada. Tudo ilusão. Muitos problemas surgiram em decorrência da incompatibilidade de gênios entre irmãs que pouco conviveram juntas.

Se isso não bastasse, sob o apartamento locado havia um minimercado, no qual funcionava um gerador que entrava e saía de funcionamento dia e noite, perturbando o sono dos moradores do prédio inteiro. Mesmo assim lá vivi, por quatro anos, por ter valor do aluguel compatível com minhas finanças e por sua localização ficar a pouca distância do meu trabalho.

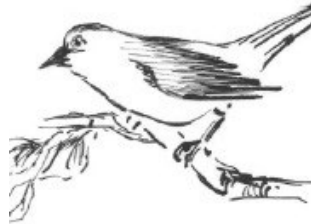
SOPRO DE PAZ

A todas as mulheres

Amadas ou não.

Um mundo repleto de amores.

Às suas dores, Libertação.



Naqueles dois primeiros anos de trabalho, as poucas horas que me restavam não permitiam momentos de lazer. Procurava ler o que estivesse a minha disposição e o que o tempo permitia. Fiquei tão centrada no trabalho que voltar a estudar ficou em segundo plano.

Por fim, retomei meus estudos, voltei para o Colégio Estadual Castelo Branco em 1982, mas o curso que frequentava anteriormente não existia mais. Matriculei-me em outro curso profissionalizante, de auxiliar de escritório, que demandava adaptar seis matérias aos sábados à tarde e aos domingos.

Tive o incentivo e o encorajamento dos professores, que foram de fundamental importância para que eu seguisse firme com o meu propósito de concluir o Ensino Médio. Destaco aqui a professora de Português Wanda Bergmann, que muito me ajudou a vencer minhas dificuldades com a Língua Portuguesa, e o professor de Processamento de Dados Nabor José Bazanella, conselheiro da turma no segundo ano, mestre na sua área, abnegado à profissão. Naquela época ele já visionava a possibilidade da conexão em rede nos lares do Brasil. Isto ocorreu poucos anos após e, no princípio, era privilégio das universidades, de instituições de pesquisa, da iniciativa privada e do governo. Somente em 1995 a internet passou a se popularizar, facilitando a vida de milhões de pessoas.

Aquele ano foi particularmente exaustivo, por ter que trabalhar de segunda-feira a sábado, estudar à noite e, ainda, sacrificar o domingo adaptando matérias, sem contar que fazia todos os deslocamentos a pé. Mas todo esse sacrifício valeu a pena quando, após dois anos de muita dedicação, concluí o Ensino Médio. Aquela etapa vencida foi para mim uma grande vitória.

Com o fechamento de um ciclo, iniciava o verão em dezembro de 1983 e pude me distrair um pouco. Encontrava com amigos, ia ao cinema e saía para passear, ocasiões que abriram oportunidades para novas relações interpessoais. Tirei férias e reservei um pacote de 15 dias de descanso na praia.

Resolvi que era também o momento de deixar disponível o coração para amar, uma vez que haveria tempo para isso. Estava disposta a vivenciar novas emoções, que até então desconhecia, apesar dos muitos traumas vividos e da grande timidez que me acompanhava. E em um belo dia, o amor aconteceu. Algo mágico, acompanhado de uma grandeza inexprimível. Um sentimento lindo e intenso que expandia o coração e que é impossível reproduzir com palavras. Um amor de verão, que durou apenas uma estação, mas significou toda uma existência. Posso afirmar que o amor do inexperiente escapa da capacidade de ser levado adiante, mas pode permanecer no coração para sempre.

Era época de vestibular e fazer faculdade estava em meu horizonte. Fiz a inscrição no curso de Letras Vernáculas na Fundação Alto Taquari de Ensino Superior (FATES), atual Centro Universitário UNIVATES. Cursei a graduação por dois anos.

A concentração nas aulas era difícil, embora o corpo docente fosse composto por bons mestres, pessoas abnegadas, como o professor Roque Danilo Bersch, a professora Ivete Kist, que tive o privilégio de ter como professores, e um destaque especial dos que querem e acreditam era o jovem professor Ney José Lazzari.

Foi um período em que todas as minhas forças haviam se esgotado com aquele amor perdido. Meu desejo de viver decresceu. Minhas energias físicas ficaram limitadas. Fiquei completamente

descompensada por um longo período. Situação que desacreditava que pudesse existir na vida real e que só imaginava na ficção.

Com o objetivo de desviar o foco desses sentimentos esmagadores, que causavam um vazio assustador, passei a participar de um grupo de jovens da igreja que frequentava e entrei em um grupo de teatro. Mesmo assim, continuava a apresentar extrema dificuldade de me recompor. Essa situação me levou a tomar uma atitude que transformaria toda a minha vida.

AMOR SEM FIM

*O amor que tenho é um vício.
Um vício enraizado que me domina.
As raízes alcançam as profundezas do meu ser.
Um amor que mata aos poucos,
sem seu calor, sem seus beijos e seus abraços.
Dia e noite meus pensamentos
estão nos seus pensamentos.
Nas madrugadas, meus olhos já não dormem
há algum tempo.
Meu coração sofre sua ausência.
Meu corpo está carente do seu corpo quente,
dos seus braços me envolvendo por inteira.
Sua ausência virou uma doença.
Procuro sua presença em todos os espaços.
Sinto ciúmes até da sua sombra,
por não ter você comigo.
Já não vivo para mim mesma.
Procuro um sentido para continuar vivendo.
Estou morrendo aos poucos,
enlouquecendo lentamente e
perdendo a noção das coisas.
Fico vagando pelas ruas,
procurando um sentido
para seguir adiante a vida.
Fico buscando algo
que me dê algum alívio e
faça-me continuar acreditando,
que viver assim a vida,
sem o amor da minha vida,
ainda valha um pouco a pena.*

UMA DECISÃO QUE VENCEU O SENTIMENTO

No dia 06 de dezembro de 1985, dia em que completava seis anos no emprego que tanto amava, decidi que iria viver em uma terra distante. O acaso gerou uma operação relâmpago, pois recebi um telefonema com uma proposta de trabalho na Bahia. Pedi demissão naquele dia, comprei duas malas, coloquei nelas o que coube e não olhei para trás. Um mês após a minha decisão, já estava desembarcando em Salvador. Fui viver nesse paraíso em 1986.

Aquela era minha primeira viagem de avião. Durante o voo lembrei-me de um episódio que ocorreu em minha infância, quando ainda vivia nas montanhas. Certo dia, a família capinava o inço na plantação de milho e inesperadamente surgiu no ar uma esquadrilha de aviões acrobáticos, que executou vários sobrevoos, cena nunca presenciada por ninguém daquelas paragens. Assustados, todos ao meu redor largaram a enxada e se jogaram no solo para não serem vistos, os mais velhos imaginando o início de uma nova guerra. Fiquei em pé, estática, observando aquela cena. Em seguida, olhei para cima maravilhada com aquelas máquinas suspensas no ar. Meu desejo íntimo era estar em uma delas e ser levada para outro lugar. Naquele voo inaugural, estava concretizando mais um sonho de menina.

Do aeroporto fui direto para o Centro Histórico de Salvador. No Pelourinho localizava-se a sede da joalheria, cuja filial seria aberta em breve no Mercado Modelo e na qual eu assumiria o posto de gerente. Lá chegando, o choque cultural foi imediato. A área era habitada por descendentes de africanos, coisa rara nas paragens de onde vim. Inevitavelmente caí no choro.

Com o decorrer do tempo fui percebendo que teria que me adaptar à nova realidade. Percebi que as pessoas do local eram cordiais, fui fazendo amizades e deixando a tristeza para trás. A má fama da área era devido à existência de uma zona de prostituição nas imediações (Maciel) e caracterizada pelo elevado índice de violência e intensa presença de marginais. A revitalização do Centro Histórico só ocorreu muitos anos depois, tornando-se mais seguro.

Minha nova morada foi no Porto da Barra e lá, todas as manhãs bem cedo, ia me banhar no mar, naquela piscina de águas cristalinas. Ensaiei muitas braçadas. Tomei muitos goles de água salgada, até que um dia aprendi a nadar. Conheci água de coco e as deliciosas iguarias baianas. Construí uma nova história. Fiz incontáveis novos amigos. Conheci um homem amável, companheiro e amigo que me fez conhecer o amor maduro e com ele me casei. Suportamos as quedas e compartilhamos as vitórias. Formamos uma família. Tivemos dois filhos maravilhosos (Henrique e Marcos). E com o casamento recebi mais um filho, o Artur Neto, que amo igualmente como se fosse meu, que foi um presente de Deus. Deixei para trás meu Rio Grande, minha família e pessoas que amo muito. Trouxe comigo as lembranças e carrego no peito a saudade e o amor que tenho pelos meus familiares e amigos individualmente. Hoje considero-me metade baiana. E no meu coração reservei um lugarzinho para cada pessoa especial que já passou por minha vida.

ETERNO AMOR

*Viver um amor com encanto
Que seja encontro,
alegria.
Com poesia,
eterno alento.
Sem sofrimento,
amor todo dia.
Florido de risos,
suspiros e afagos.
Com sol,
vida iluminando.
Com lua,
clareando caminho.
Por toda vida amor,
amando.*

Após dois anos em Salvador, já adaptada com minha nova vida, resolvi retomar o curso de Letras Vernáculas que havia abandonado em Lajeado. Graças à benevolência dos diretores da antiga Fates, núcleo da atual Univates, que permitiram que resgatasse os meus créditos disciplinares, foi possível realizar minha transferência para a Universidade Católica de Salvador (UCSAL), na qual me graduei.

Para quem veio de uma região inacessível, na qual a energia elétrica só foi realidade quando eu tinha 18 anos de idade e que era preciso percorrer muitos quilômetros a pé no meio da mata para estudar, o esforço despendido para concluir o curso superior não me pareceu tão árduo.

AMO O AMOR!

*O amor que tenho é intenso,
grandioso e superior.
Amo a vida,
a natureza,
a liberdade,
a família,
os amigos e
as pessoas especiais.
Acima de tudo,
amo o amor,
que é o maior e
mais nobre sentimento
que o ser humano pode sentir.
Simplesmente amo amar!*



E assim é a carreira da vida. Um dia você percebe que seu voo alcançou dimensões que não cabiam no imaginário de uma criança. Que sua caminhada foi uma aventura, envolvida por muitos riscos e vitórias, com muitas lutas e não poucos obstáculos pelo caminho. Que a ousadia foi o pré-requisito para atingir os tão almejados sonhos.

Você percebe que viveu uma vida de ambulante e que seu nome poderia ser “Peregrina”. Que toda sua corrida pela busca do que é material foi esforço para alcançar o vento, pois da vida não se leva nada. E que a felicidade está nas coisas simples da vida, em momentos que desejamos que se tornassem eternos ao lado da família, dos amigos e de quem amamos verdadeiramente. Aí você se dá conta que aquele tempo em que você apenas sonhava era o melhor tempo e se pudesse você voltaria para abraçar mais um pouco a paz e a alegria que a vida no campo lhe proporcionava.

DEGRAUS DA SATISFAÇÃO

*Os degraus da verdadeira vida
têm as marcas da paz,
daquilo que satisfaz,
do que acalenta por dentro.
São os momentos que não passam em branco,
aqueles vividos com a inteireza da alma.
São os que observam as estações,
cada uma entrando na sua hora.
Sabem que a chuva,
as tempestades,
o frio, o calor,
o sol e a brisa fresca,
todos têm o seu momento.
Sabem que tudo passa,
que as estações sempre serão outras,
que as águas sempre encontrarão o seu fluxo e
que a vida também passa.
Nessa escalada,
sempre passarão pela vida,
sem querer muito mais.*

POSFÁCIO

Concluo estas memórias com a certeza de que minha luta não foi em vão. Atravessei montanhas, vales e oceanos tal ave desgarrada procurando ninho em um lugar seguro, onde enfim pudesse encontrar um pouco de paz.

Deparei-me com muitas pedras no caminho, em muitas delas tropecei, mas todas elas usei para construir minha história. Caí e levantei incontáveis vezes. Para me levantar usei os restos das quedas e fabriquei um “cajado”. Nele me sustentei e me reergui fortificada para seguir adiante minha caminhada em busca do amor, da felicidade e de um porto seguro.

Em toda minha caminhada sempre procurei encarar as dificuldades de forma positiva. Mesmo quando pareciam intransponíveis, enfrentava-as de frente, substituía o medo e a vulnerabilidade pela coragem, tornando-as solúveis.

A dor e o sofrimento serviram de base para meu enriquecimento pessoal e para me tornar mais forte diante das adversidades da vida, engrandecendo as vivências de uma trajetória de vida rica em experiências incomuns e que me proporcionaram alcançar a maturidade muito cedo na vida.

E assim caminhamos, chegamos com pressa, passamos correndo e partimos a qualquer hora... Nesse intervalo, temos o prêmio de usufruir momentos felizes.

POESIA

A poesia é a vida do poeta em ação.

*Cada rima, cada verso
vem regado de emoção.*

*A poesia sempre goza
do que o poeta traz no coração.*

*Toda poesia segue um rumo,
uma direção.*

*Sua morada,
os olhos de quem a fita.*

*Seu descanso,
as mãos dos sensíveis.*

*A estante da sala,
seu desgosto.*

*Seu gosto,
o que n'alma dança.*

*Sua marca,
o que a vida encanta.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Criador Jeová Deus, que durante minha caminhada fez do seu poder a minha proteção.

O carinho, o afeto e a inteligência dos quatro homens que fazem parte da minha vida. Um agradecimento especial ao meu marido Artur, pela colaboração e pelo incentivo para que minha história ficasse registrada. Aos meus filhos Henrique, pelas palavras carinhosas e os bons conselhos que sempre me concede, e Marcos, pela maturidade que vem alcançando e por ser um filho amável e prestativo. Ao meu enteado Artur Neto, pela boa convivência, o carinho e atenção que sempre proporcionou desde que o conheci aos seus quatro anos de idade e por ter me presenteado com meu lindo neto Gustavo. Às minhas duas noras Cibele e Shaylla, que chegaram com simpatia e meiguice trazendo muito amor e carinho, para alegria da família.

Meu reconhecimento à minha amiga Edith Mathias, por ter lançado a ideia de escrever esta publicação e, principalmente, pela hospitalidade e oportunidade de trabalho em Salvador.

Aos meus pais Eliria e Ermindo (*in memoriam*), pelo amor incondicional. Aos meus irmãos, pela amizade e compreensão.

Sou grata aos que me ajudaram a aperfeiçoar tecnicamente o projeto:

Ilustração: Lygia Sampaio (artista modernista baiana)

Imagem da capa: Amauri Alves

Diagramação: Glauber Röhrig e Marlon Alceu Cristófoli

Correção: Sandra Lazzari Carboni e Veranice Zen

Coordenação e revisão final: Ivete Maria Hammes

“Sonhar é preciso, mas é necessário firmar os pés no chão e cada dia colocar em prática um pouco dos nossos ideais.”

Marli Terezinha Verruck Watt

ISBN 978-85-8167-115-4



9 788581 671154